

BOLETIM

Hortigranjeiro



Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Copyright © 2026 - Companhia Nacional de Abastecimento - Conab

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Depósito Legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Disponível em: www.conab.gov.br

ISSN 2445-5860

Supervisão:

Candice Mello Romero Santos

Coordenação Técnica:

Flávia Machado Starling Soares

Responsáveis Técnicos:

Aníbal Teixeira Fontes

Arthur Nascimento Paiva

Fernando Chaves Almeida Portela

Juliana Martins Torres

Newton Araújo Silva Junior

Sabrina Lima de Assis

Thaís França Silva

Yasmin Ventura Araujo

Colaboradores: Centrais de Abastecimento do Brasil - CEASAS Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento - ABRACEN

Editoração e layout: Superintendência de Marketing e Comunicação - Sumac / Gerência de Eventos e Promoção Institucional - Gepin

Fotos: Alexander Lesnitsky, Ernesto Rodriguez, Holger Grybsch, Varintorn Katawong, Robert Owen Wahl, Capri23auto, Obodai26, PublicDomainPictures, Bru-nO, FruitnMore por Pixabay

Normalização:

Thelma Das Graças Fernandes Sousa CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Boletim Hortigranjeiro**, Brasília - DF, v. 12, n. 8, setembro, 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737b Companhia Nacional de Abastecimento.
Boletim Hortigranjeiro / Companhia Nacional de Abastecimento.
- v.1, n.1 (2015-). - Brasília : Conab, 2015-
v.

Mensal
Disponível em: www.conab.gov.br.

ISSN: 2446-5860
1. Produto Hortigranjeiro. 2. Produção Agrícola. I. Título.

CDU 633/636(05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/184

SUMÁRIO

Apresentação	04
Tabelas de Preços.....	05
Análise das Hortaliças	06
Alface	07
Batata.....	09
Cebola.....	11
Cenoura	13
Tomate	15
Análise das Frutas	17
Banana	18
Laranja	20
Maçã	22
Mamão.....	24
Melancia	26
Mercado Internacional de Hortigranjeiros	28
Destaques das Centrais de Abastecimento	32

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) publica, neste mês de setembro, o Boletim Hortigranjeiro nº 9 – Volume 12, no âmbito do Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort). A publicação analisa a comercialização de frutas e hortaliças nos principais entrepostos públicos do país, importantes canais de abastecimento de produtos in natura.

A análise mensal contempla os produtos com maior representatividade nas Centrais de Abastecimento (Ceasas) e maior peso no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA): alface, batata, cebola, cenoura, tomate, banana, laranja, maçã, mamão e melancia.

Os dados utilizados foram coletados nas Ceasas localizadas em São Paulo/SP, Belo Horizonte/MG, Rio de Janeiro/RJ, Campinas/SP, Vitória/ES, Curitiba/PR, Florianópolis/SC, Recife/PE, Rio Branco/AC e Fortaleza/CE, que, em conjunto, concentram parcela expressiva da comercialização nacional de hortigranjeiros.

Além dos produtos analisados regularmente, o Boletim destaca outros itens relevantes para o consumo alimentar que apresentam variações significativas de preços, oferecendo alternativas aos consumidores e agentes de mercado. Nesta edição, a seção Destaques das Ceasas tem como tema “Resíduos sólidos orgânicos, oportunidades de transformação de cenários”.

O Prohort, coordenado pela Conab, tem como pilares a coleta, sistematização e divulgação de informações de mercado, permitindo o acompanhamento de preços, volumes, origens, séries históricas e análises técnicas do setor hortigranjeiro. Os dados são coletados pelas Ceasas, validados pelos entrepostos e consolidados pela equipe técnica da Conab, sendo disponibilizados ao público no portal do Programa.

Os preços médios apresentados correspondem à média ponderada pela quantidade comercializada. Atualmente, a base de dados Conab/Prohort reúne informações de 117 frutas e 123 hortaliças, abrangendo mais de mil produtos considerando suas variedades.

TABELA DE PREÇOS

Em agosto/26, os preços das principais hortaliças comercializadas nos entrepostos analisados apresentaram comportamento predominantemente de baixa, com destaque para a alface e cebola. O único produto do grupo que apresentou valorização foi o tomate, +18,13%. Em relação às frutas, a maioria apresentou tendência de baixa, com destaque para o mamão, que apresentou desvalorização de 10,9% na média ponderada.

Preços médios em agosto de 2026 das principais hortaliças comercializadas nos entrepostos selecionados.

Produto	Alface		Batata		Cebola		Cenoura		Tomate	
Ceasa	Preço	Ago/Jul	Preço	Ago/Jul	Preço	Ago/Jul	Preço	Ago/Jul	Preço	Ago/Jul
CEAGESP - São Paulo	3,23	-29,64%	2,77	-12,48%	3,91	-7,71%	4,32	10,92%	4,43	38,58%
CEASAMINAS - Belo Horizonte	9,41	-4,47%	2,27	-15,16%	3,55	-16,52%	3,18	-1,39%	3,06	23,45%
CEASA/RJ - Rio de Janeiro	3,47	-31,22%	1,22	-20,33%	3,70	-18,21%	4,11	-18,74%	3,90	-2,37%
CEASA/SP - Campinas	3,36	-1,86%	3,88	-11,12%	3,76	-15,79%	4,39	5,53%	5,38	30,59%
CEASA/ES - Vitória	3,57	0,38%	2,86	-10,34%	3,93	-15,52%	3,78	-12,30%	3,57	16,45%
CEASA/PR - Curitiba	4,10	-21,03%	2,72	-22,83%	3,71	-17,32%	3,79	8,06%	5,55	29,53%
CEASA/SC - São José	6,09	0,27%	3,64	-25,66%	5,03	55,55%	4,19	-29,45%	3,51	-55,50%
CEASA/PE - Recife	4,11	15,45%	3,76	-10,92%	3,69	-25,45%	5,45	-0,91%	2,03	7,47%
CEASA/CE - Fortaleza	12,46	-2,81%	4,81	-8,21%	5,50	-16,53%	4,05	21,99%	3,35	-3,18%
CEASA/AC - Rio Branco	11,90	0,00%	4,26	-46,35%	5,02	-9,75%	6,80	-7,36%	6,68	-8,37%
Média Ponderada	5,06	-14,80%	2,63	-11,60%	3,88	-13,80%	4,05	0,88%	4,03	18,13%

Preços médios em agosto de 2026 das principais frutas comercializadas nos entrepostos selecionados.

Produto	Banana		Laranja		Maçã		Mamão		Melancia	
Ceasa	Preço	Ago/Jul	Preço	Ago/Jul	Preço	Ago/Jul	Preço	Ago/Jul	Preço	Ago/Jul
CEAGESP - São Paulo	4,26	4,08%	2,07	2,18%	6,99	3,28%	4,66	-23,20%	2,46	-9%
CEASAMINAS - Belo Horizonte	3,41	9,64%	1,88	3,05%	5,21	10,51%	4,52	-15,65%	2,67	-6%
CEASA/RJ - Rio de Janeiro	3,52	18,12%	2,18	-5,45%	5,85	-0,62%	5,93	0,41%	2,94	-5%
CEASA/SP - Campinas	4,07	-2,83%	2,25	-4,35%	6,70	-5,88%	5,14	-16,70%	2,99	-2%
CEASA/ES - Vitória	3,35	-0,44%	1,84	-1,93%	5,86	10,54%	3,51	-43,74%	2,94	-8%
CEASA/PR - Curitiba	2,97	-2,41%	2,66	-8,85%	6,30	2,40%	5,91	-1,20%	2,85	-6%
CEASA/SC - São José	3,55	3,27%	2,78	-14,93%	4,44	-5,45%	9,11	40,50%	3,71	79%
CEASA/PE - Recife	2,71	-1,00%	1,81	0,65%	7,51	3,29%	3,67	-0,60%	2,31	8%
CEASA/CE - Fortaleza	3,47	-8,71%	3,06	0,09%	9,86	-1,64%	3,63	-4,14%	3,31	7%
CEASA/AC - Rio Branco	1,77	-9,50%	3,32	-11,39%	4,63	-41,39%	8,00	10,22%	-	-
Média Ponderada	3,45	4,32%	2,17	-0,95%	6,42	2,72%	5,05	-10,90%	2,72	-3,24%

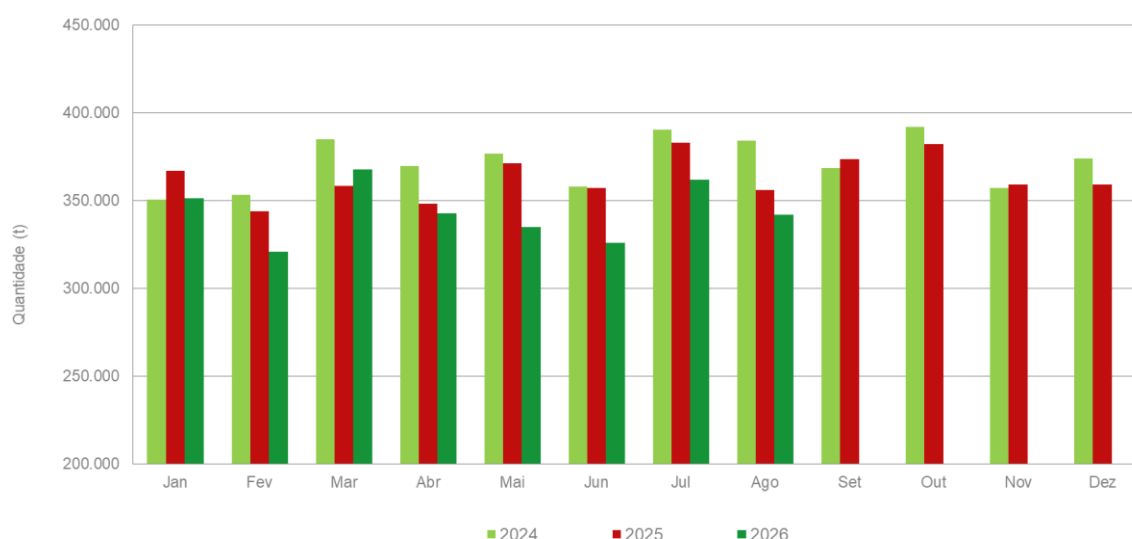
Fonte: Conab/Ceasas

ANÁLISE DAS HORTALIÇAS

Em agosto de 2026, o volume total de hortaliças comercializado nas Ceasas que integram este Boletim Hortigranjeiro apresentou redução de 3,9% em relação a julho. Na comparação com os mesmos períodos dos anos anteriores, o comportamento também foi negativo, com diminuição de 5,5% em relação a agosto de 2025 e de 7,3% frente a agosto de 2024. Na comparação mensal, todos os subgrupos apresentaram redução no volume comercializado.

No grupo de folhas, flores e hastes, a queda foi de 3,5%; no de hortaliças-fruto, de 5,9%; e no de raízes, bulbos, tubérculos e rizomas, de 5,6%. O subgrupo de raízes, bulbos, tubérculos e rizomas, que concentra a maior parcela da comercialização, representando 57,7% do volume total de hortaliças, teve seu desempenho influenciado, sobretudo, pela menor entrada de batata nas Ceasas, cuja comercialização recuou 10,3% em relação a julho. Entre as hortaliças-fruto, a redução esteve associada principalmente à menor movimentação de tomate, que apresentou queda de 8,5% no período e responde por aproximadamente 45% do volume comercializado nesse subgrupo. No subgrupo de folhas, flores e hastes, a retração decorreu, principalmente, da menor comercialização de alface. Em contrapartida, observou-se relativa estabilidade nas entradas de repolho, que registraram aumento de 0,9% em relação a julho. O produto representa 35,0% do volume total comercializado nesse subgrupo.

Gráfico 1 — Quantidade de hortaliças comercializadas nas Ceasas em 2024, 2025 e 2026.



Fonte: Conab/Ceasas



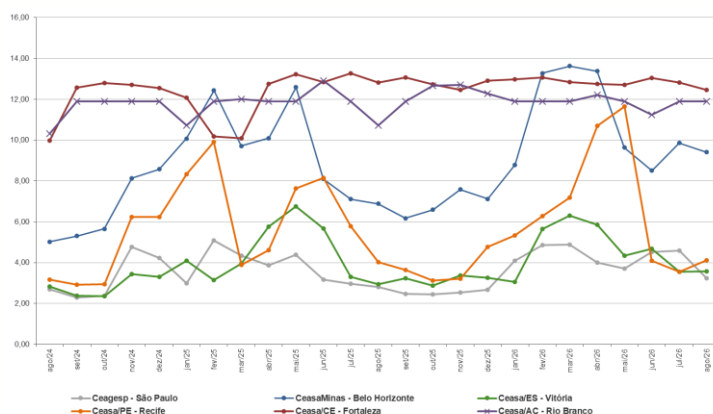
Preços em queda na maioria dos mercados atacadistas. Em seis das dez Ceasas analisadas, houve redução dos preços médios da alface; em três, os preços permaneceram praticamente estáveis e, em apenas uma, foi registrada alta.

A maior valorização ocorreu na Ceasa/PE – Recife, com elevação de 15,5%. A estabilidade foi observada na Ceasa/ES – Vitória (+0,38%), na Ceasa/SC – São José (+0,27%) e na Ceasa/AC – Rio Branco, onde o preço médio permaneceu no mesmo patamar registrado em julho. Entre os mercados que apresentaram redução, as quedas variaram de 1,9%, na Ceasa/SP – Campinas, a 31,2%, na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro. Também merecem destaque as retrações observadas na Ceasa/PR – Curitiba (-21,0%) e na Ceagesp – São Paulo (-29,6%).

Quanto à comercialização, o comportamento foi heterogêneo entre os mercados analisados. Na Ceasa/PE – Recife, por exemplo, a alta dos preços esteve associada à expressiva redução do volume movimentado, que recuou 49% em relação a julho. Em sentido oposto, foram registradas elevações na comercialização na Ceagesp – São Paulo (+3%), na CeasaMinas – Belo Horizonte (+21%), na Ceasa/CE – Fortaleza (+6%) e na Ceasa/ES – Vitória (+40%). Entre esses mercados, apenas na Ceasa/ES – Vitória, a maior movimentação não foi acompanhada por redução dos preços, que permaneceram praticamente estáveis (+0,38%).

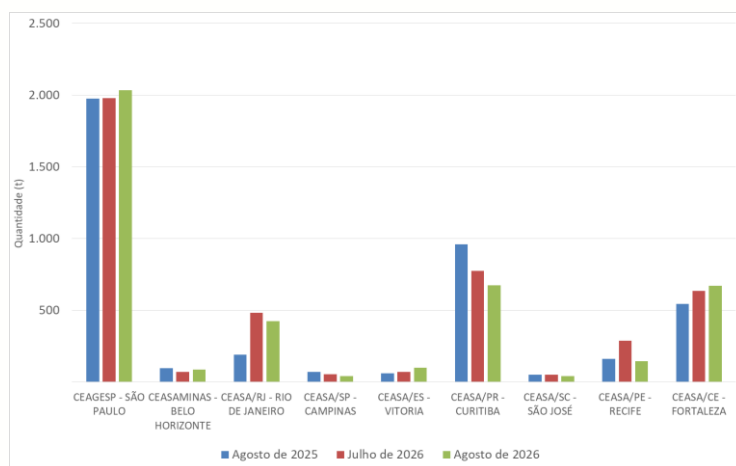
Pelo lado da oferta, houve queda de 4,3% em relação a julho e na comparação com agosto de 2025, o movimento é inverso, aumento de 2,2%. Em agosto, a disponibilidade de alface permanece semelhante à observada em julho. A oferta, apesar do declínio em relação ao mês anterior, continua em níveis suficientes para atender a demanda, com o abastecimento sendo garantido pela folhosa oriunda da safra de inverno. O mês de menor comercialização observado esse ano foi em junho, quando houve alta de preço na maioria das Ceasas.

Gráfico 2 — Preços médios (R\$/Kg) da alface nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 3 — Quantidade de alface comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre agosto de 2025, julho de 2026 e agosto de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 1 — Quantidade ofertada de alface para as Ceasas por unidade de federação em agosto de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	2.073.809
PR	675.040
CE	672.230
RJ	429.711
PE	146.036
ES	100.389
MG	86.586
SC	38.037
AC	647
Soma	4.222.485

Microrregião	Quantidade Kg
PIEDADE-SP	1.610.689
CURITIBA-PR	668.856
IBIAPABA-CE	517.150
SERRANA-RJ	380.421
ITAPECERICA DA SERRA-SP	231.538
NOVA FRIBURGO-RJ	144.960
VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE	144.560
MOGI DAS CRUZES-SP	136.537
BATURITÉ-CE	98.000
SANTA TERESA-ES	86.199
BELO HORIZONTE-MG	63.808
GUARULHOS-SP	55.053
PORECATÚ-PR	43.863
RIO NEGRO-PR	23.228
FLORIANÓPOLIS-SC	23.227
FOZ DO IGUAÇU-PR	20.254
SERTÃO DE QUIXERAMOBIM-CE	19.200
CAMPINAS-SP	18.663
BAIXO JAGUARIBE-CE	18.000
LONDRINA-PR	17.241

Fonte: Conab/Ceasas

É oportuno lembrar que as folhosas, em especial a alface, são majoritariamente produzidas próximas aos centros consumidores. Por isso, tanto a oferta quanto os preços tendem a variar conforme as condições de cada Ceasa, refletindo características locais de produção e comercialização. Em agosto, apesar de chuvas em algumas áreas produtoras, elas não influenciaram substancialmente na produção e colheita. Esse movimento de baixa na oferta pode continuar em setembro, pois chuvas mais intensas são esperadas, sobretudo no Sudeste e Sul. O reflexo pode ser aumento de preço, com diminuição de oferta. O clima mais ameno pode influenciar na demanda, diminuindo-a, o que tente a aliviar a pressão sobre os preços, por uma oferta mais baixa.

Não existiu tendência definida e marcante para os preços em setembro, na primeira quinzena. Eles reagiram de acordo com a oferta e demanda em cada Ceasa. Por exemplo, na Ceasa/PE – Recife e na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro, o preço subiu em 8,4% e 11,4%, respectivamente. Na primeira Ceasa temperaturas altas podem estar influenciando a demanda e pressionando os preços. Para a segunda, chuvas constantes na região serrana, produtora de folhosas e principal abastecedora da capital, pode estar dificultando a colheita, com reflexos na oferta. No entanto, na Ceagesp - São Paulo, na Ceasa/DF – Brasília e na CeasaMinas – Belo Horizonte ocorre o inverso no comportamento dos preços, ou seja, queda, pela ordem, de 6,8%, 15,9% e 3,8%.



BATATA

Em agosto, os preços da batata registraram desvalorização novamente, dando continuidade ao movimento de retração iniciado em julho, após uma sequência de altas observada desde fevereiro. Nesse período, destacaram-se elevações expressivas, como a registrada em maio, quando o preço médio ponderado aumentou 57,9% em relação a abril. A partir de então, o ritmo de valorização perdeu intensidade, com alta de apenas 1,8% em junho. Em julho, contudo, o movimento se reverteu, com redução de 37,3% nos preços, seguida de nova queda de 11,6% em agosto, sempre na comparação com o mês anterior.

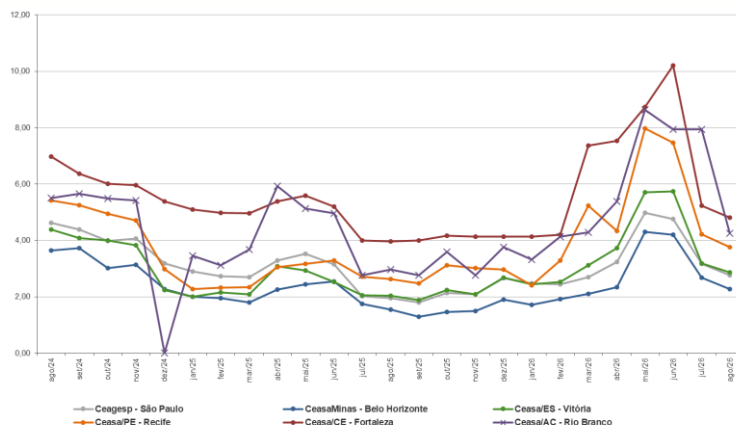
A retração dos preços em agosto foi observada em todas as Ceasas analisadas, com variações negativas entre 8,2%, na Ceasa/CE – Fortaleza, e 46,3%, na Ceasa/AC – Rio Branco. Nos demais mercados, as reduções foram superiores a 10%. Destacam-se as quedas verificadas nos mercados da Região Sul, especialmente na Ceasa/SC – São José (-25,7%) e na Ceasa/PR – Curitiba (-22,8%). Apesar das quedas registradas nos dois últimos meses, os preços permanecem em patamar superior ao observado no mesmo período do ano anterior.

Na comparação entre agosto de 2026 e agosto de 2025, o preço médio ponderado apresentou elevação de 52,0%. Esse movimento é reflexo da oferta mais que suficiente em 2025 que causou queda nas cotações naquele período desincentivando o mesmo patamar de produção em 2026. O maior aumento ocorreu na Ceasa/SC – São José (+89,6%), seguida pela Ceasa/SP – Campinas (+50,4%), Ceasa/PR – Curitiba (+43,1%), Ceasa/PE – Recife (+43,0%) e Ceagesp – São Paulo (+42,0%). Na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro e na CeasaMinas – Belo Horizonte, a valorização anual foi de 47,0%.

No que se refere à oferta, após o aumento significativo registrado em julho, os níveis de comercialização permaneceram elevados em agosto, embora tenha sido observada redução de 10,3% no volume total movimentado em relação ao mês anterior. Ainda assim, a oferta mostrou-se suficiente para sustentar a trajetória de queda dos preços iniciada em julho.

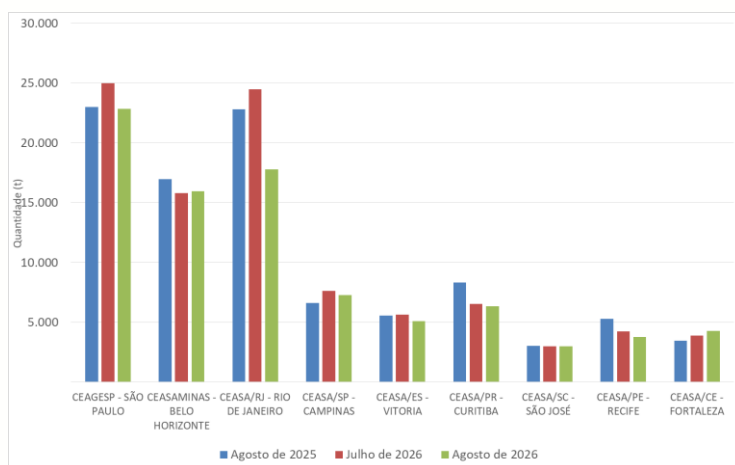
O abastecimento das Ceasas é realizado por São Paulo (52% do total), Minas Gerais (27%), Bahia (8%), Goiás (8%) e Paraná (2%), sendo o restante (3%) oriundo de pequenos ofertantes.

Gráfico 4 — Preços médios (R\$/Kg) da batata nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 5 — Quantidade de batata comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre agosto de 2025, julho de 2026 e agosto de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 2 — Quantidade ofertada de batata para as Ceasas por unidade de federação, agosto de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
SP	45.602.090	SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	21.046.510
MG	23.399.889	ARAXÁ-MG	7.130.875
GO	7.253.150	SEABRA-BA	6.761.950
BA	6.858.575	POUSO ALEGRE-MG	5.434.775
PR	2.649.915	ITAPETININGA-SP	5.378.440
SC	174.795	MOJI MIRIM-SP	5.049.625
RS	138.850	ENTORNO DE BRASÍLIA-GO	4.735.100
PE	111.540	ITAPEVA-SP	4.514.475
RN	64.200	PIRASSUNUNGA-SP	4.379.975
RJ	46.350	AVARÉ-SP	2.512.925
CE	39.500	BELO HORIZONTE-MG	2.102.548
ES	1.770	POÇOS DE CALDAS-MG	2.080.050
Soma	86.340.624	LIMEIRA-SP	1.900.275
		SÃO PAULO-SP	1.673.450
		CURITIBA-PR	1.612.215
		VARGINHA-MG	1.358.250
		VÃO DO PARANÁ-GO	1.022.500
		PATOS DE MINAS-MG	960.250
		FORMIGA-MG	946.200
		SÃO MATEUS DO SUL-PR	942.260

Fonte: Conab/Ceasas

Em termos das microrregiões, o abastecimento dos mercados fica bastante pulverizado, ou seja, por São Paulo destaque para as microrregiões São João da Boa Vista, Itapetininga, Mogi Mirim, Itapeva, Pirassununga e Avaré. Por Minas Gerais, ressalta-se também várias localidades, como Araxá, Pouso Alegre, Poços de Caldas. Por Goiás, a microrregião Entorno de Brasília, com destaque para o município de Cristalina e pela Bahia a microrregião Seabra, com destaque para o município de Mucugê.

Os estados da região sul, atualmente com pouca representatividade, costumam ter relevância no abastecimento em novembro/dezembro com o início da colheita da safra das águas 2026/27. Entretanto, a produção sulista continua indefinida quanto às previsões de produção. Até agora, as previsões são de uma safra inferior à de 2025/26, haja vista a prudência do produtor nos plantios, com a perspectiva da ocorrência de adversidades climáticas diante da confirmação da existência de um forte El Niño.

Na primeira quinzena de setembro, as chuvas recorrentes nas principais regiões produtoras de batata do Sudeste vêm dificultando as operações de colheita e reduzindo as remessas aos mercados atacadistas. Entre as principais áreas produtoras atualmente, destacam-se as microrregiões de São João da Boa Vista e Itapetininga, em São Paulo, e de Araxá, em Minas Gerais. Nesse cenário, a redução da oferta tem exercido pressão sobre os preços, que apresentaram alta na maioria das Ceasas na primeira quinzena do mês. Na Ceagesp – São Paulo, a elevação alcançou 44,0%, enquanto na CeasaMinas – Belo Horizonte o aumento foi próximo de 50%, ambos em relação ao preço médio registrado em agosto.

Assim, até o momento, as condições climáticas observadas nas regiões produtoras do Sudeste e do Sul têm contribuído para a redução das remessas e, conseqüentemente, para a elevação dos preços. Para o restante de setembro, caso se verifique redução dos índices pluviométricos, é esperada uma melhora nas condições de colheita, com possibilidade de aumento do volume enviado às Ceasas. Esse movimento poderá contribuir para aliviar a pressão sobre os preços e, eventualmente, interromper ou reverter a trajetória de alta observada na primeira quinzena.



CEBOLA

BOLETIM

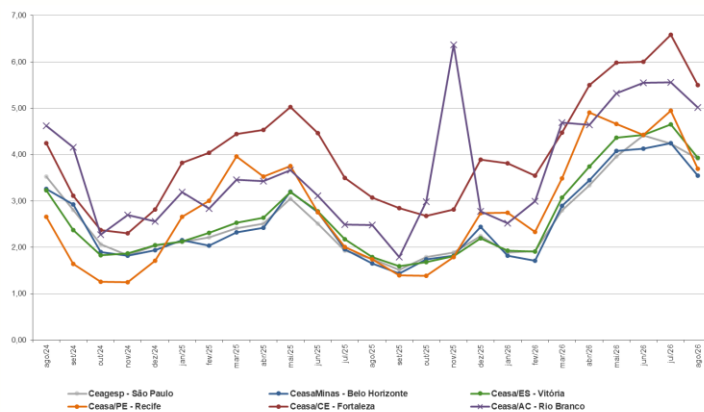
Hortigranjeiro

Após vários meses em alta, observadas desde março desse ano, em agosto, o preço da cebola apresentou desvalorização. Na média ponderada das Ceasas analisadas, a retração foi de 13,8%, em relação a julho/26. Ressalta-se, contudo, que a intensidade das altas observadas desde fevereiro vinha diminuindo progressivamente. Em março, foi registrada a maior elevação, de 48,6% frente ao mês anterior. A partir de então, as variações positivas foram de 23,0%, 12,5%, 8,5% e 1,7%, respectivamente, nos meses subsequentes.

A evolução das quantidades comercializadas, associada à maior pulverização das regiões produtoras, contribuiu para a desaceleração do movimento de alta dos preços. Em agosto, a redução das cotações foi observada na maioria das Ceasas, com variações negativas entre 7,7%, na Ceagesp – São Paulo, e 25,4%, na Ceasa/PE – Recife. Na Ceasa/CE – Maracanaú, que atende principalmente o mercado de Fortaleza, a retração foi de 16,5%. Na Região Nordeste, o comportamento dos preços esteve associado ao aumento da oferta proveniente, principalmente, de Pernambuco e da Bahia. Em sentido contrário, a Ceasa/SC – São José apresentou alta de 55,6%, constituindo a exceção ao movimento predominante de queda observado nos demais mercados analisados.

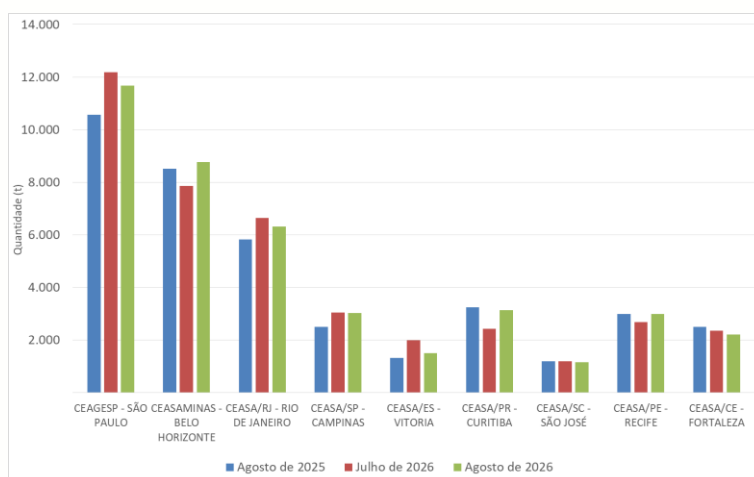
Após vários aumentos, o preço esse ano vem se comportando superior ao de 2025. Em relação a agosto do ano passado, o preço médio ponderado está acima em 115,6%. Exemplificando, na Ceagesp – São Paulo a variação anual chega a 123,4% e na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro ela é de 115,2%, portanto, bastante significativas. É preciso lembrar que 2025 foi ano de recuperação da produção, colocando a oferta naquele ano em níveis suficientes para configurar um cenário de preços baixos. Tal fator, desestimulou os produtores a manterem o mesmo patamar de oferta em 2026.

Gráfico 6 — Preços médios (R\$/Kg) da cebola nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 7 — Quantidade de cebola comercializada nos entrepostos no comparativo entre agosto de 2025, julho de 2026 e agosto de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 3 — Quantidade ofertada de cebola para as Ceasas por unidade de federação, agosto de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
MG	10.428.320	ENTORNO DE BRASÍLIA-GO	5.722.380
SP	9.979.213	ARAXÁ-MG	5.270.320
GO	8.868.500	SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	4.891.940
SC	4.405.480	JABOTICABAL-SP	3.443.260
BA	3.019.760	ITUPORANGA-SC	2.730.170
PE	2.606.900	PETROLINA-PE	2.546.900
PR	973.880	PATOS DE MINAS-MG	1.557.200
RJ	279.700	JUAZEIRO-BA	1.468.640
NI	73.200	GOIÂNIA-GO	1.373.620
RN	60.000	PIEDADE-SP	1.266.120
DF	40.000	UBERLÂNDIA-MG	1.240.160
PB	28.000	IRECÊ-BA	1.189.720
SE	28.000	JOAÇABA-SC	1.046.000
RS	24.200	CATALÃO-GO	1.006.500
CE	22.820	PARACATU-MG	816.230
Soma	40.837.973	UBERABA-MG	660.400
		SÃO PAULO-SP	647.940
		PORANGATU-GO	578.500
		MARINGÁ-PR	453.060
		TABULEIRO-SC	409.720

Fonte: Conab/Ceasas

Em agosto, a oferta de cebola manteve-se praticamente estável em relação a julho, com aumento de 0,7%. Ainda assim, o volume comercializado nas Ceasas analisadas foi o maior registrado no ano. Observou-se aumento das remessas provenientes dos principais estados produtores, contribuindo para a ampliação e a diversificação do abastecimento dos mercados atacadistas. Na Região Nordeste, destacaram-se os incrementos nos envios provenientes da Bahia (+12,4%) e de Pernambuco (+30,5%). No Sudeste, também houve aumento das remessas provenientes de Minas Gerais (+14,2%) e São Paulo (+21,7%). Esses dois estados, conjuntamente, representaram 50,0% do volume comercializado nas Ceasas analisadas, mantendo posição de destaque no abastecimento dos mercados. Na Região Sul, embora os níveis de oferta ainda sejam relativamente baixos, foram observados aumentos significativos nas remessas de Santa Catarina (+36,5%) e Paraná (+63,5%). No Rio Grande do Sul, por sua vez, a produção encontra-se praticamente encerrada, resultando em volume pouco significativo destinado às Ceasas. Apesar da elevação dos envios provenientes da região, sua participação no abastecimento dos mercados analisados ainda foi limitada, correspondendo a 13% do total. No Centro-Oeste, Goiás respondeu por 21% da comercialização, mas apresentou redução de 21,1% nos envios em relação a julho. Esse comportamento sinaliza possível arrefecimento da produção estadual, após o pico de oferta observado no mês anterior.

A diversificação das regiões produtoras deverá continuar contribuindo para o abastecimento do mercado ao longo de setembro e, pelo menos, até o final do ano. A partir de novembro e dezembro, a expectativa é de aumento da participação da produção da Região Sul na comercialização pelas Ceasas. No entanto, as perspectivas atuais indicam uma safra menor na região. Entre os fatores que podem ter influenciado as decisões dos produtores estão os preços observados na safra 2025/26, que podem ter reduzido o estímulo à expansão da área cultivada, além das incertezas relacionadas às condições climáticas previstas para o ciclo produtivo.

Na primeira quinzena de setembro, chuvas nas regiões produtoras prejudicaram a colheita, o que provocou diminuição pontual na oferta, elevando os preços. Dessa forma, a média de preço em setembro, na primeira quinzena, comporta-se de maneira ascendente na grande parte das Ceasas como na Ceasa/DF – Brasília (30%), Ceasa/PE – Recife (29%), Ceasa/PR – Curitiba (28%) e Ceagesp – São Paulo (23%).



CENOURA

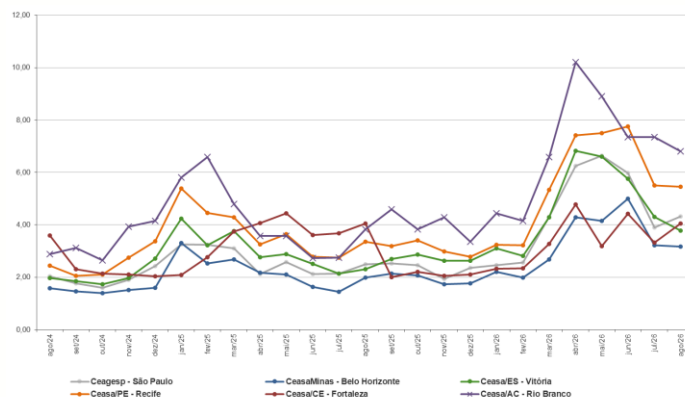
Em agosto, não foi observada uma tendência uniforme dos preços entre as Ceasas analisadas. Dos dez mercados considerados, cinco registraram desvalorizações nos preços médios, quatro apresentaram alta e um permaneceu praticamente estável. A estabilidade ocorreu na Ceasa/PE – Recife (-0,9%). Entre os mercados com redução, as variações oscilaram entre 1,4%, na CeasaMinas – Belo Horizonte, e 29,5%, na Ceasa/SC – São José. Já as altas variaram de 5,5%, na Ceasa/SP – Campinas, a 22,0%, na Ceasa/CE – Fortaleza.

Esse comportamento heterogêneo ocorre após a expressiva retração dos preços registrada em julho. Na média ponderada das Ceasas, houve queda de 29,0% em relação a junho, período em que a oferta apresentou incremento de 9,6%. Assim, a maior disponibilidade do produto contribuiu para a redução dos preços observada naquele mês, enquanto, em agosto, a evolução diferenciada entre os mercados resultou em movimentos distintos de preços. Na comparação anual, contudo, o preço médio ponderado das Ceasas analisadas em agosto de 2026 permaneceu 67,4% acima do registrado em agosto de 2025. Dessa forma, apesar da queda expressiva observada em julho e do comportamento mais heterogêneo em agosto, os preços permanecem em patamar elevado quando comparados ao mesmo período do ano anterior.

A oferta de cenoura nas Ceasas apresentou, em agosto, aumento de 4,8% em relação ao volume comercializado no mês anterior, embora em ritmo inferior ao observado em julho. Naquele mês, o incremento dos envios aos entrepostos resultou em queda de preços em praticamente todas as Ceasas analisadas. Em agosto, entretanto, esse comportamento não se repetiu, sendo observadas variações distintas entre os mercados.

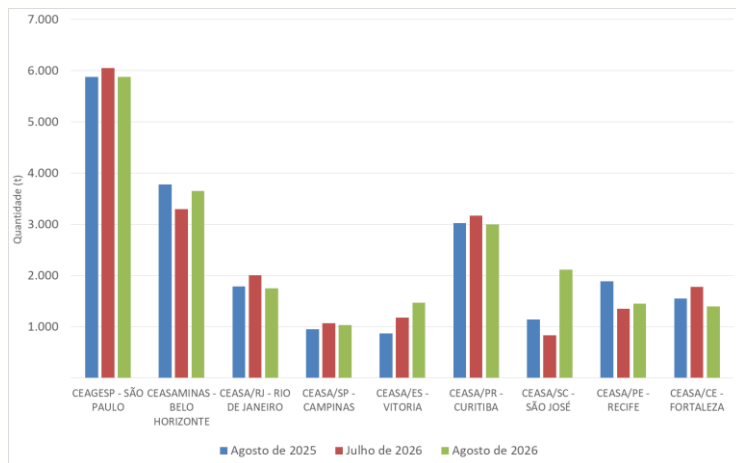
De modo geral, os movimentos de preços parecem ter acompanhado a evolução dos quantitativos comercializados em cada entreposto, evidenciando a influência da disponibilidade local sobre as cotações. A exceção ocorreu na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro, onde houve redução da oferta, de 5,7%, acompanhada por queda dos preços. O entreposto é abastecido predominantemente por cenouras provenientes do próprio estado, que responde por aproximadamente 25% do volume comercializado, de Minas Gerais, com participação de 52%, e de São Paulo, responsável por 23%.

Gráfico 08 — Preços médios (R\$/Kg) da cenoura nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 09 — Quantidade de cenoura comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre agosto de 2025, julho de 2026 e agosto de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 4 — Quantidade ofertada de cenoura para as Ceasas por unidade de federação, agosto de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
MG	8.101.988	PIEDADE-SP	4.526.448
SP	7.807.263	PATOS DE MINAS-MG	4.519.216
PR	2.684.862	CURITIBA-PR	2.211.652
BA	1.449.800	ARAXÁ-MG	1.684.680
SC	649.262	SÃO PAULO-SP	1.333.203
RJ	462.380	BARBACENA-MG	1.144.620
RS	212.620	SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	1.132.786
GO	153.200	IRECÊ-BA	939.800
PE	114.700	ITAPECERICA DA SERRA-SP	746.289
ES	93.790	RIO NEGRO-PR	532.390
CE	4.000	APUCARANA-PR	486.160
NI	2.430	SERRANA-RJ	455.940
Soma	21.736.295	JUAZEIRO-BA	417.000
		UBERABA-MG	370.012
		FLORIANÓPOLIS-SC	295.296
		SANTA RITA DO SAPUCAÍ-MG	262.820
		CANOINHAS-SC	255.146
		VACARIA-RS	181.520
		ASSAÍ-PR	164.900
		ENTORNO DE BRASÍLIA-GO	153.200

Fonte: Conab/Ceasas

Em volumes pouco significativos, também há participação da produção paranaense. A oferta proveniente dos três principais estados fornecedores encontra-se em trajetória de expansão ou em patamares elevados. No caso do Rio de Janeiro, embora o volume comercializado tenha recuado 5,7% em agosto, permaneceu em nível elevado, situando-se 85,9% acima do registrado em junho. Esse cenário indica que, apesar da retração pontual observada no mês, a disponibilidade do produto no entreposto permanece significativamente superior à verificada no início do período analisado.

A safra de inverno nos diversos estados produtores continuou a se intensificar, denotando aumento da oferta a partir dos principais estados produtores, como Minas Gerais (+2,1%), São Paulo (+12,6%), Paraná (+1,9%) e Bahia (+18,9%). A nível nacional, apareceram com relevância na oferta total, as microrregiões Piedade e São João da Boa Vista em São Paulo, Patos de Minas, Araxá e Barbacena em Minas Gerais, Irecê na Bahia e Apucarana e Rio Negro no Paraná.

Na primeira quinzena de setembro, o que se observou foi a safra de inverno sustentando os preços, não os deixando subir. Dessa forma, os preços na sua maioria estiveram em declínio ou estáveis. Na Ceasa/DF – Brasília e na Ceasa/PR – Curitiba, a estabilidade ocorreu, da mesma forma que na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro, onde houve queda de preço de apenas 1,7%. Em várias outras Ceasas, o preço declinou de maneira significativa, como por exemplo, na CeasaMinas – Belo Horizonte (-16,2%), na Ceasa/SP – Campinas (-11,6%) e na Ceagesp – São Paulo (-11,2%). Em duas Ceasas do Nordeste, a de Recife e a de Maracanaú, que abastece Fortaleza, o preço caiu 10,8% e 15,3%, pela ordem.

Deve-se destacar que nesse início de setembro, na principal região produtora do país, São Gotardo/MG, as chuvas ao que parece não atrapalharam o ritmo de colheita, elas foram apesar de frequentes de baixa intensidade. Na segunda quinzena do mês, as previsões são de chuvas de moderada a forte, o que pode provocar dificuldade de colheita e diminuição de oferta, exercendo pressão sobre os preços.



TOMATE

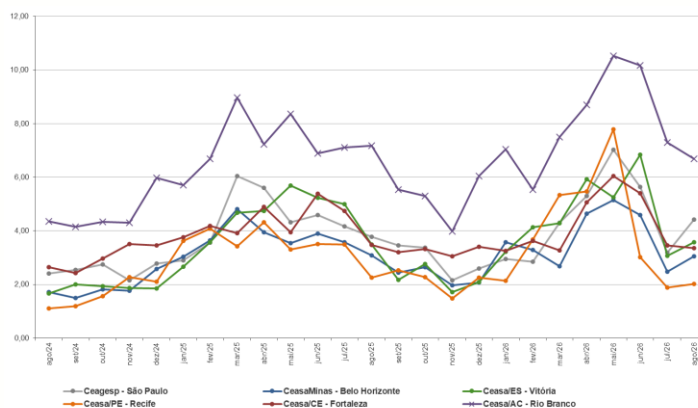
Alta de preços na maioria das Ceasas em agosto. Após apresentarem quedas significativas em junho e julho, que levaram as cotações a patamares mais baixos, os preços voltaram a subir em agosto. Na média ponderada das Ceasas analisadas, a alta foi de 18,1%. Os aumentos foram expressivos na maioria dos mercados, variando de 7,5%, na Ceasa/PE – Recife, a 38,6%, na Ceagesp – São Paulo. Também se destacaram as elevações observadas na Ceasa/SP – Campinas (+30,6%), na Ceasa/PR – Curitiba (+29,5%) e na CeasaMinas – Belo Horizonte (+23,5%). Entre os mercados que registraram queda, a maior retração ocorreu na Ceasa/SC – São José, de 55,5%.

Em agosto, na maioria das Ceasas, as altas de preços estiveram associadas à redução dos volumes comercializados. As exceções foram a Ceasa/CE – Maracanaú, responsável pelo abastecimento de Fortaleza, onde a comercialização aumentou 7%, e a Ceasa/AC – Rio Branco, com incremento de 3%. Nos demais mercados, a elevação das cotações ocorreu concomitantemente à redução das entradas. Na Ceagesp – São Paulo, o volume comercializado recuou 15%, enquanto na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro e na Ceasa/ES – Vitória a retração foi de 13% em ambos os mercados. Esse comportamento reforça a relação entre a menor disponibilidade do produto nos entrepostos e a recuperação das cotações observada no mês.

A oferta de tomate, conforme mencionado, apresentou redução na maioria das Ceasas em agosto, resultando em retração mensal de 8,0%. É importante destacar que julho foi marcado pelo pico de oferta da safra de inverno, atingindo, neste ano, os maiores volumes registrados no período. Dessa forma, o cenário observado em agosto esteve associado ao avanço do esgotamento da colheita em algumas áreas produtoras, movimento que poderá se intensificar em setembro.

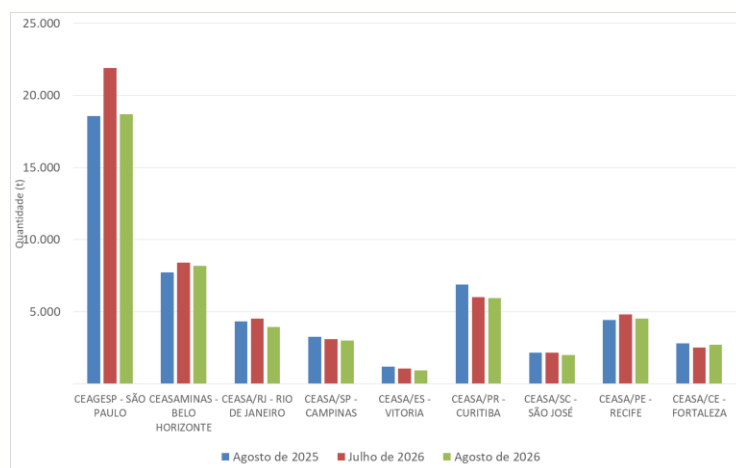
A elevada disponibilidade registrada nos meses anteriores foi suficiente para pressionar as cotações, especialmente em julho, quando a queda média ponderada dos preços alcançou 39,0%, após retração de 15,9% em junho.

Gráfico 10 — Preços médios (R\$/Kg) do tomate nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 11 — Quantidade de tomate comercializado no comparativo entre agosto de 2025, julho de 2026 e agosto de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Com os preços atingindo patamares mais baixos, a combinação de temperaturas amenas e chuvas frequentes, que retardaram a maturação dos frutos, contribuindo para a redução da oferta nos entrepostos em agosto. No final de agosto e início de setembro, diante da menor disponibilidade de tomates maduros, foram ofertados para atender à demanda frutos ainda verdes. Esse movimento pode estar relacionado à recuperação das cotações, que tende a estimular os produtores a antecipar a colheita, buscando aproveitar os preços mais elevados e, assim, melhorar a rentabilidade. Ao mesmo tempo, a antecipação da colheita pode contribuir para recompor parcialmente a oferta no curto prazo, ainda que com frutos em estágio de maturação inferior ao habitual.

Tabela 5 — Quantidade ofertada de tomate por unidade de federação, agosto de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
MG	14.869.655	GOIÂNIA-GO	4.139.736
SP	14.806.625	OLIVEIRA-MG	3.460.121
GO	6.385.627	MOJI MIRIM-SP	3.421.271
PE	4.297.449	SETE LAGOAS-MG	2.684.491
RJ	3.199.253	VALE DO IPOJUCA-PE	2.253.512
CE	2.544.650	SÃO PAULO-SP	2.103.173
ES	1.443.524	IBIAPABA-CE	2.027.500
PR	833.911	SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA-RJ	1.970.592
SC	743.544	CAPÃO BONITO-SP	1.798.243
BA	714.569	CATALÃO-GO	1.662.468
PB	134.953	ENTORNO DE BRASÍLIA-GO	1.466.617
AL	16.350	BREJO PERNAMBUCANO-PE	1.384.518
RS	233	VASSOURAS-RJ	1.322.873
Soma	49.990.343	CARATINGA-MG	1.319.450
		SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO-MG	1.231.920
		UBERLÂNDIA-MG	1.215.405
		OSASCO-SP	1.024.566
		PIRASSUNUNGA-SP	971.684
		BARBACENA-MG	842.864
		ITAPEVA-SP	770.173

Fonte: Conab/Ceasas

O abastecimento em agosto novamente ficou a cargo dos estados de Minas Gerais e São Paulo, ambos com 30% de participação na oferta, Goiás com 13%, Pernambuco com 9%, Rio de Janeiro com 6% e para complementar a oferta vieram os estados do Paraná, Espírito Santo, Ceará e Bahia. A produção de tomate é bastante pulverizada, com cultivo distribuído por todas as regiões do país. Nesse contexto, é importante considerar que, no final de 2026 e início de 2027, a ocorrência de um episódio de *El Niño* poderá resultar em condições climáticas diferenciadas entre as regiões produtoras, com possíveis impactos sobre o desenvolvimento das lavouras, a colheita e a logística de escoamento. Eventuais alterações nas condições de produção poderão elevar os custos, aumentar as perdas e afetar a disponibilidade do produto nos entrepostos, com possíveis reflexos sobre o comportamento dos preços.

O cenário observado na primeira quinzena de setembro mantém as características verificadas em agosto, com oferta insuficiente para atender à demanda e sustentar os níveis de comercialização. As temperaturas mais baixas têm contribuído para retardar a maturação dos frutos, enquanto as chuvas nas regiões produtoras do Sul e Sudeste também dificultam a colheita e os envios aos entrepostos.

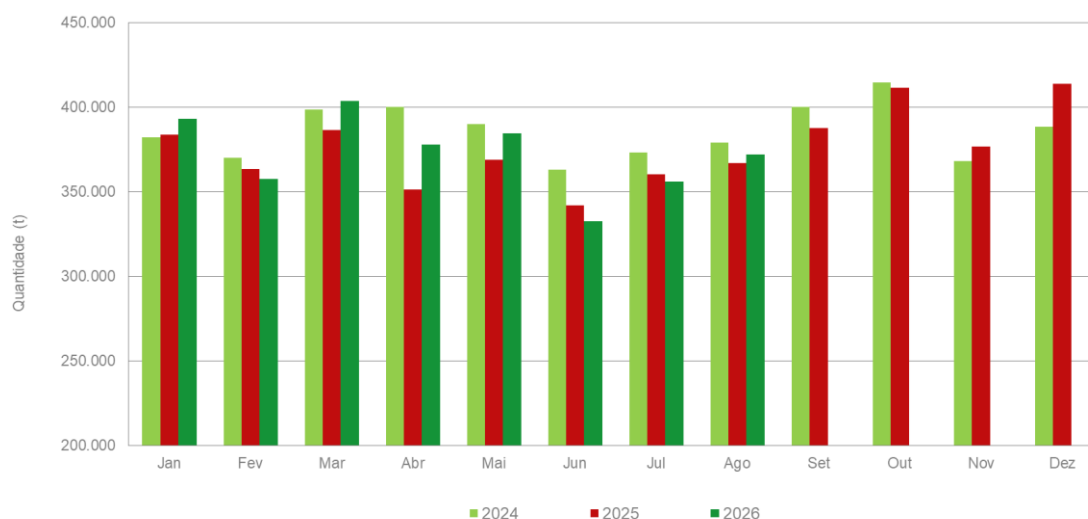
Nesse contexto, tem-se observado o aumento da presença de tomates verdes no mercado, indicando antecipação da colheita para suprir a demanda corrente. Esse movimento, embora contribua para ampliar a disponibilidade no curto prazo, reduz o volume de frutos que estará disponível posteriormente, podendo limitar a oferta nos períodos seguintes.

Nesse cenário de menor disponibilidade, os preços continuaram em trajetória de alta na primeira quinzena de setembro, em comparação com a média de agosto. Na Ceagesp – São Paulo, a valorização do tomate foi de aproximadamente 35%, enquanto na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro alcançou 53%, na CeasaMinas – Belo Horizonte, 58%, na Ceasa/CE – Fortaleza, 43%, e na Ceasa/PR – Curitiba, 57%, entre outros mercados. Informações da área técnica da Ceasa/GO – Goiânia indicam, ainda, que a maior demanda exercida por compradores das regiões Sul e Sudeste sobre a produção goiana tem contribuído para pressionar as cotações no mercado local.

Como referência, o tomate italiano, comercializado em caixas de 22 kg, que apresentava preço mais comum de R\$ 70,00 em julho, passou para R\$ 120,00 em agosto e, na primeira quinzena de setembro, já alcançava R\$ 180,00 por caixa. Esse valor representa alta de 50% em relação a setembro de 2025 e de 157% frente ao mesmo mês de 2024.

No mês de agosto de 2026, o segmento das frutas comercializadas nas Ceasas analisadas apresentou alta de 4,5% em relação ao mês anterior, alta de 1,5% em relação ao mesmo mês de 2025 e elevação de 1,9% em face dos primeiros oito meses de 2025. Em relação a agosto de 2024, ocorreu queda de 1,8%. A queda nesse período se deveu, principalmente, à queda da produção de manga, melancia, mamão e banana. Em relação ao mês anterior, ocorreu estabilidade da comercialização de banana. No mercado do mamão, foi registrada alta de 17%. No mercado de maçã, em decorrência do período da boa safra na Região Sul, já finalizada e estocada, ocorreu aumento de 11% na oferta. A laranja representou, em volume, 22,1% de todas as frutas comercializadas nas Ceasas no mês (não só as cinco principais analisadas nesse boletim), com alta de 2% em relação ao mês passado. Já no mercado de melancia ocorreu alta de 37%, por causa do aumento da colheita goiana.

Gráfico 12 — Quantidade de frutas comercializadas nas Ceasas em 2024, 2025 e 2026.



Fonte: Conab/Ceasas



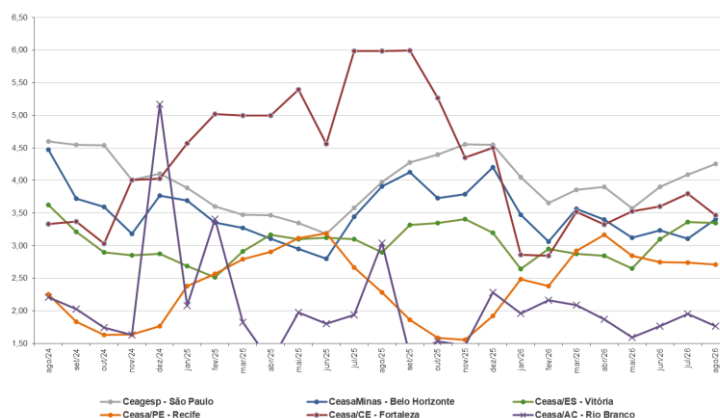
BANANA

Em agosto, para o mercado da banana, as cotações subiram 4,32% na média ponderada, embora tenham caído na maioria das Ceasas analisadas, por causa do peso na média das Ceasas do Sudeste. Destaque de alta foram a CeasaMinas – Belo Horizonte (9,64%) e Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (18,12%) e Ceagesp – São Paulo (4,08%). Já a quantidade comercializada permaneceu estável nas centrais de abastecimento, com destaque para as elevações na Ceasa/SC – São José (54%) e Ceagesp – São Paulo (11%), além de queda na Ceasa/PE – Recife (-14%).

No mês de agosto alguns fatores foram determinantes para a estabilidade das cotações, como aumento da oferta em alguns locais e queda em outros, variação da demanda ao longo do mês e qualidade das frutas. Para a banana nanica, o mês marcou estabilidade na prática da oferta em diversas regiões, a exemplo de zonas produtoras do Ceará e Minas Gerais (produção de frutas com boa qualidade). No oeste baiano, altas mais proeminentes ocorreram, ao ponto de os preços ao produtor ficarem em níveis mais baixos, assim como no Vale do Ribeira (SP) (em menor grau, decorrente do menor aumento da oferta). Já nas praças catarinenses, bastante voltadas à exportação, ocorreu aumento das cotações por causa da restrição da oferta, impactada pelo calendário produtivo e vendavais ocorridos no início do mês, que derrubaram diversos pés da fruta e provocaram a diminuição das frutas de qualidade disponíveis (alguns cachos caídos no chão ainda foram comercializados).

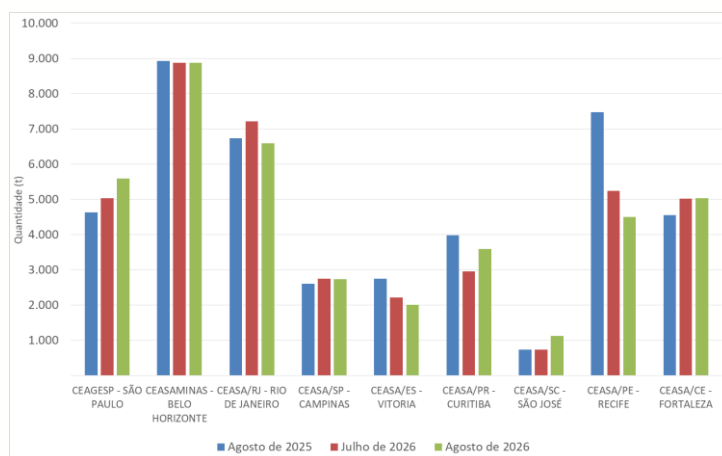
Já o mercado da banana prata apresentou bastante estabilidade entre oferta e demanda no cenário nacional, com mínima diminuição dos envios às Ceasas por parte do norte mineiro, principal região produtora. Já em São Paulo é esperado, pelos produtores, aumento da oferta a partir de setembro, quando melhores condições de temperaturas e precipitações se farão presentes. No norte da Bahia, a produção da variedade tem sido capaz de suprir a demanda, e está previsto novo aumento de produção a partir de setembro, como ocorre em São Paulo, com temperaturas mais elevadas durante o dia e a noite.

Gráfico 13 — Preços médios (R\$/Kg) da banana nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 14 — Quantidade de banana comercializada no comparativo entre agosto de 2025, julho de 2026 e agosto de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 6 — Quantidade ofertada de banana para as Ceasas por unidade de federação, agosto de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
MG	14.469.462
CE	5.502.497
SP	4.851.267
PE	4.280.827
ES	3.479.116
SC	3.345.142
BA	1.469.958
PR	1.302.559
RN	648.904
AC	619.120
RJ	493.430
GO	125.727
MS	30.600
PB	30.489
RS	9.350
AL	6.150
AM	4.500
RO	3.100
Soma	40.672.198

Microrregião	Quantidade Kg
JANAÚBA-MG	8.232.311
REGISTRO-SP	3.616.890
BAIXO JAGUARIBE-CE	3.288.287
MATA SETENTRIONAL	
PERNAMBUCANA-PE	2.869.551
JOINVILLE-SC	2.495.618
BATURITÉ-CE	2.001.335
ITABIRA-MG	1.272.266
PARANAGUÁ-PR	1.242.711
BLUMENAU-SC	952.840
GUARAPARI-ES	922.180
JANUÁRIA-MG	921.380
AFONSO CLÁUDIO-ES	763.094
MÉDIO CAPIBARIBE-PE	743.487
BELO HORIZONTE-MG	738.644
LINHARES-ES	671.210
CURVELO-MG	660.034
SANTA TERESA-ES	631.861
ITAJAÍ-SC	616.920
VALE DO AÇU-RN	578.600
SETE LAGOAS-MG	564.730

Fonte: Conab/Ceasas

No âmbito nacional, a demanda aumentou levemente no início do mês, não só por causa do recebimento dos salários por parte da população, mas também por conta da volta às aulas, sendo essa variação se equilibrando com a oferta durante o mês.

Levando-se em conta o fornecimento da fruta pelos estados, o mês de agosto foi marcado pela queda da oferta oriunda de Pernambuco (-12,22%), que abastece mercados locais, queda no Ceará (-3,45%), Espírito Santo (-9,15%), Bahia (-8,54%) e Minas Gerais (-2,06%); altas ocorreram em Santa Catarina (16,9% - banana prata) e São Paulo (17,4%). Nesse estado, o aumento foi devido à maior colheita da banana nanica.

Em relação à primeira quinzena do mês de setembro, os preços tiveram maior preponderância à estabilidade no mercado de banana nanica na maioria das Ceasas. Já para o mercado de banana prata, as cotações apresentaram maior preponderância de estabilidade ou queda. A tendência é que os preços não devam oscilar com muita intensidade, seja para alta ou baixa, para ambos os mercados em setembro.



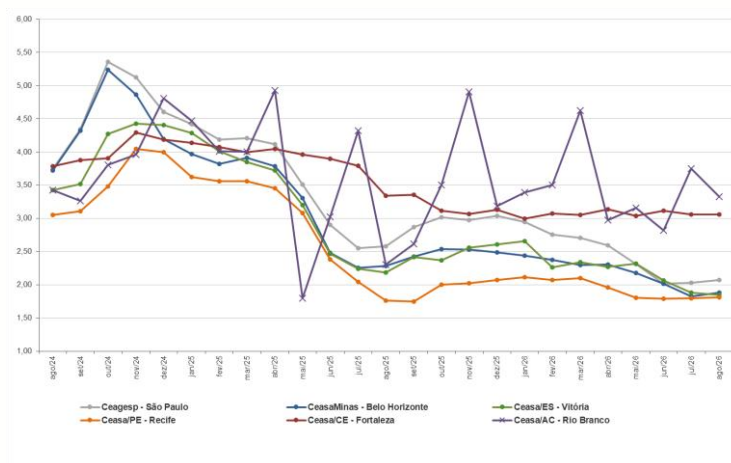
O mercado de laranja, em agosto, apresentou pequenas oscilações de preços na maioria das Ceasas, com a média ponderada tendo caído 0,95%. Destaque para o descenso na Ceasa/AC – Rio Branco (-11,39%), Ceasa/PR – Curitiba (-8,85%) e Ceasa/SC – São José (-14,93%). Quanto à comercialização, a análise dos dados mostrou aumento da oferta na maior parte dos entrepostos, com destaque para as elevações na CeasaMinas – Belo Horizonte (22%), Ceasa/PR – Curitiba (14%) e Ceasa/SC – São José (22%).

Em relação ao mês anterior, o fornecimento de frutas aos entrepostos atacadistas subiu 1,68% no cinturão citrícola, caiu 3,73% em Sergipe, 2,11% na Bahia e 12% no Rio de Janeiro. Ou seja, em agosto, com a entrada da nova safra originária do cinturão citrícola, principal região produtora do Brasil e do mundo, o mercado de laranja in natura, para o atacado e varejo, permaneceu estável, com variações negativas pequenas de preços na maior parte dos entrepostos atacadistas analisados, com influência do aumento da oferta originária de São Paulo e Minas Gerais.

A demanda registrou leve aquecimento, principalmente no início do mês, com a volta às aulas e o recebimento dos rendimentos por parte da população. Com a chegada da reta final da colheita das laranjas precoces, a variedade pera passou a progressivamente ser mais colhida, substituindo as laranjas anteriores no que tange à comercialização. Essas laranjas mostraram melhora da qualidade em relação às anteriores, dado a melhor exposição ao regime de chuvas e à florada mais consistente ocorrida no segundo trimestre. Os preços não caíram com maior intensidade, tendo em vista o aumento da oferta, por causa da variação positiva da demanda.

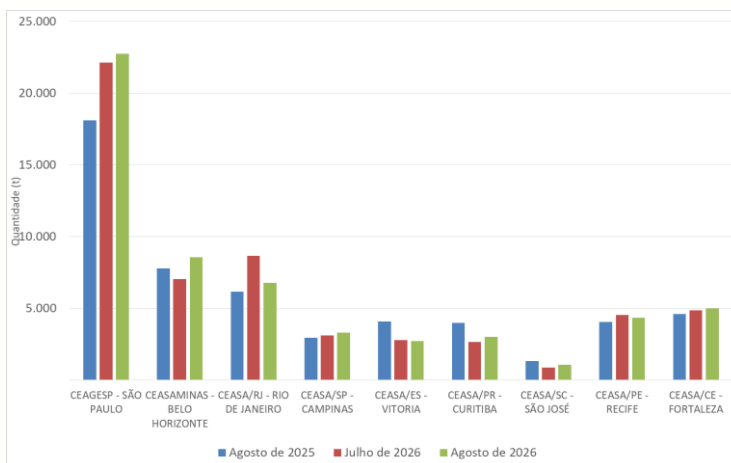
Já o mercado de suco de laranja continuou se movimentou lentamente e se mostrou um pouco mais aquecido em relação ao mês anterior, com as indústrias fechando mais contratos e adquirindo ainda frutas no mercado à vista. Os preços para o fechamento continuaram abaixo daqueles registrados para a mesma época do ano passado, mesmo com a maior presença de laranjas pera para a moagem (indústrias buscaram qualidade e rendimento nas frutas).

Gráfico 15: Preços médios (R\$/Kg) da laranja nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 16 — Quantidade de laranja comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre agosto de 2025, julho de 2026 e agosto de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 7 — Quantidade ofertada de laranja para as Ceasas por unidade de federação, agosto de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	38.105.882
SE	6.096.466
BA	5.933.309
MG	3.546.003
RJ	1.218.025
PR	1.179.055
RS	529.039
NI	365.910
AL	293.528
SC	201.429
ES	66.925
GO	20.000
AC	12.460
RO	1.100
PE	550
Soma	57.569.681

Microrregião	Quantidade Kg
LIMEIRA-SP	10.212.895
BOQUIM-SE	5.762.699
JABOTICABAL-SP	5.393.288
ALAGOINHAS-BA	4.670.720
JALES-SP	3.759.130
MOJI MIRIM-SP	3.160.281
PIRASSUNUNGA-SP	2.789.423
CAMPINAS-SP	2.173.083
SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	1.344.710
CATANDUVA-SP	1.308.698
SÃO PAULO-SP	1.298.129
FERNANDÓPOLIS-SP	1.296.303
RIO DE JANEIRO-RJ	1.155.695
PARANAVAÍ-PR	994.089
ENTRE RIOS-BA	963.015
ARARAQUARA-SP	681.790
PIRACICABA-SP	664.400
SÃO JOÃO DEL REI-MG	621.600
PIEDADE-SP	584.323
ITAPEVA-SP	562.545

Fonte: Conab/Ceasas

Assim, mais frutas estiveram disponíveis para comercialização nos mercados de atacado e varejo em agosto. Nos próximos meses, com a intensificação da moagem, esse cenário deve se alterar um pouco, já que ocorreu uma mudança estrutural no consumo de suco pelos europeus. A título de ilustração, o Fundecitrus reestimou um volume de 263,15 milhões de caixas de 40,8kg para o cinturão citrícola, 11,5% inferior ao da safra passada e 3,1% acima da estimativa anterior.

No que tange à primeira quinzena do mês de setembro, os preços permaneceram estáveis na maior parte das Ceasas, com algumas elevações pontuais. Com o andamento da safra 2026/27 no cinturão citrícola e a boa safra em outros estados, nos meses seguintes os preços deverão oscilar suavemente nas centrais de abastecimento.

Em relação às vendas externas nos primeiros oito meses do ano, as exportações de laranja in natura aumentaram 516% em relação ao mesmo período do ano anterior (registraram 1,85 mil toneladas). Já o suco de laranja, por causa dos problemas com a absorção europeia, continuou a exibir recuperação modesta do consumo em relação às safras anteriores, mesmo com a queda expressiva dos preços no mercado internacional.

O volume comercializado caiu 22,5% em relação a agosto de 2025 e foi 15,71% menor em relação ao mês anterior e cresceu 7,3% no acumulado anual até agosto. Os preços e o faturamento não devem dar mostras de grande recuperação no curto prazo, já que parte de mercados perdidos deverão ser reconquistados no médio e longo prazo e os custos para a fabricação do suco sofreram elevação. Já as importações de laranjas in natura comercializadas pelas Ceasas subiram 97,6%, originárias principalmente da Espanha e Egito.



MAÇÃ

BOLETIM

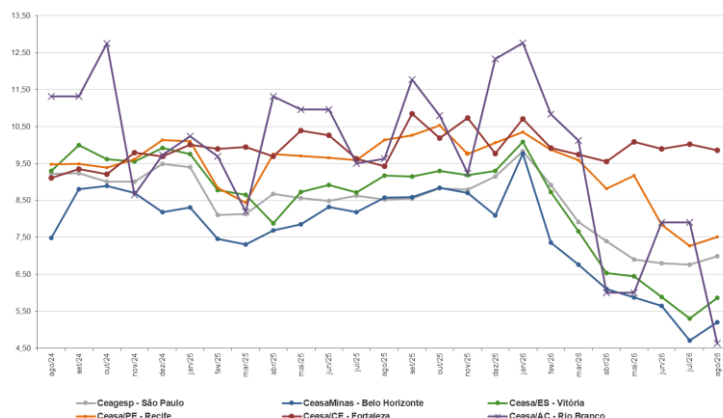
Hortigranjeiro

No mês de agosto ocorreram pequenas elevações em quase todas as Ceasas analisadas, com elevação na média ponderada em 2,72%; destaque para a alta na CeasaMinas – Belo Horizonte (10,51%) e Ceasa/ES – Vitória (10,54%), além de queda na Ceasa/AC – Rio Branco (-41,39%). Quanto à oferta, ocorreram elevações na maioria das Ceasas, com destaque para as altas na CeasaMinas – Belo Horizonte (22%), Ceasa/SP – Campinas (42%) e Ceasa/PR – Curitiba (15%).

Em agosto, com o consumo gradual dos estoques das câmaras frias após o fim da colheita da safra 2025/26, que apresentou produtividade superior em relação à safra anterior, ocorreu alta suave das cotações em algumas Ceasas e aumento da comercialização, causado principalmente pela maior distribuição das frutas na primeira quinzena do mês (esse período apresentou maior demanda, em decorrência da volta às aulas e do maior poder aquisitivo do consumidor no mês). Após esse período, o que ocorreu foi a queda da oferta, principalmente das maçãs graúdas, que os classificadores chamam de “Categoria 1”, em especial para a variedade gala.

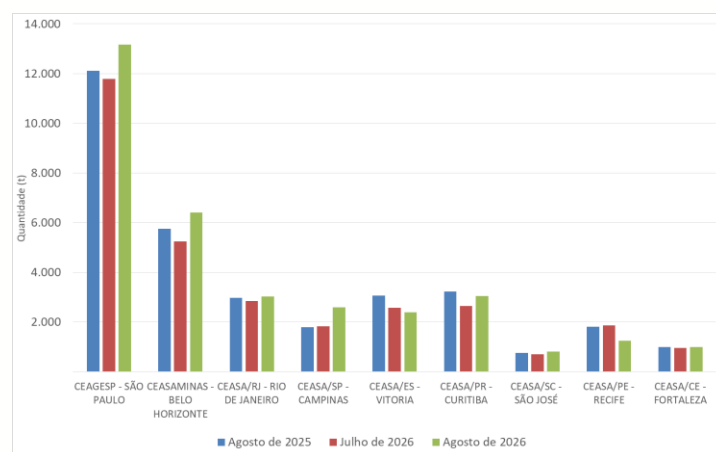
Em relação à maçã fuji, como a colheita foi iniciada e finalizada mais tardiamente em relação à gala, os estoques nas câmaras frias estiveram maiores no mês, mas também a taxa de escoamento começou a aumentar. Já os preços estabilizaram no fim de agosto, fruto do menor poder aquisitivo do consumidor nesse período. As cotações devem crescer de forma mais acelerada a partir de outubro até fevereiro, período em que as companhias classificadoras possuem o maior poder para determinar preços; após esse intervalo de tempo, a nova safra começará a entrar no mercado e reduzirá as cotações.

Gráfico 17 — Preços médios (R\$/Kg) da maçã nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 18 — Quantidade de maçã comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre agosto de 2025, julho de 2026 e agosto de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 8 — Quantidade ofertada de maçã por unidade de federação, agosto de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
SC	18.263.054	CAMPOS DE LAGES-SC	9.897.028
RS	10.257.817	JOAÇABA-SC	8.761.082
SP	3.158.904	VACARIA-RS	8.102.941
NI	1.144.985	CAXIAS DO SUL-RS	2.842.485
MG	220.786	SÃO PAULO-SP	1.570.541
PR	206.781	IMPORTADOS	1.144.985
PE	205.527	ITAPECERICA DA SERRA-SP	752.022
BA	186.294	OSASCO-SP	464.094
RJ	65.748	SÃO MIGUEL DO OESTE-SC	308.099
MS	36.802	JUNDIAÍ-SP	221.760
PB	8.640	JUAZEIRO-BA	186.294
RN	4.000	POUSO ALEGRE-MG	166.546
RO	3.420	SUAPE-PE	135.027
ES	1.449	CAMPINAS-SP	85.044
MT	360	CURITIBA-PR	79.586
		FLORIANÓPOLIS-SC	74.140
		PORTO ALEGRE-RS	70.895
		GUAPORÉ-RS	66.544
		CAMPANHA OCIDENTAL-RS	62.144
		FRANCISCO BELTRÃO-PR	55.100
Soma	33.764.567		

Fonte: Conab/Ceasas

Deve ser registrado que, em relação às origens das maçãs comercializadas pelas Ceasas, houve aumento em relação à maçã catarinense (18,41%) e gaúcha (8%); além disso, outras praças tiveram menores contribuições (em SP o fornecimento caiu 2,86%). Quanto à próxima safra, como o bom acúmulo de horas-frio registrado em regiões catarinenses e gaúchas foi satisfatório, há grande possibilidade de bom desenvolvimento das plantas.

Em relação à primeira quinzena do mês de setembro os preços, na sua maior parte, permaneceram estáveis na maioria dos entrepostos atacadistas, com o registro de poucas elevações e quedas. Com as frutas completamente acondicionadas nas câmaras frias, a tendência é que os preços subam suavemente à medida que os estoques forem consumidos.



MAMÃO

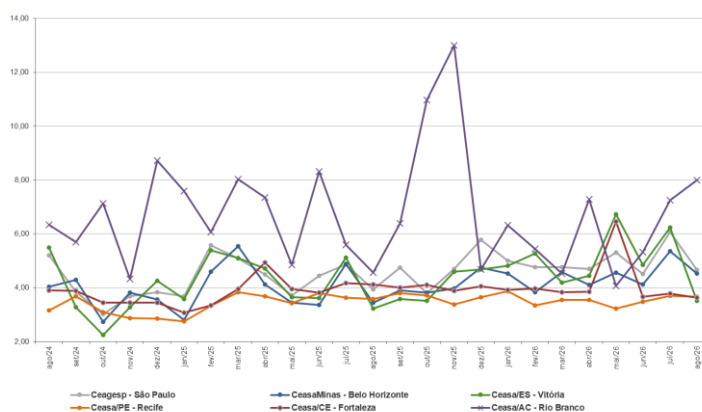
O mês de agosto apresentou queda de 10,9% na média ponderada dos preços, com destaque para o descenso na Ceagesp – São Paulo (-20,2%), Ceasa/ES – Vitória (-43,74%) e CeasaMinas – Belo Horizonte (-15,65%) e Ceasa/SC – São José (40,5%). Já a quantidade aumentou na maioria das centrais de abastecimento, com destaque para a CeasaMinas – Belo Horizonte (28%), Ceasa/SC – São José (29%) e Ceagesp – São Paulo (24%)

Em agosto as cotações caíram nos entrepostos atacadistas, com elevação da oferta tanto do mamão papaya quanto do mamão formosa nas Ceasas, especialmente da variedade papaya, com aumento da colheita nas principais praças produtoras relevantes: o norte capixaba e o sul baiano, mesmo com a boa qualidade dos mamões originários dessas praças.

No caso específico do mamão formosa, alguns fatores contribuíram para a diminuição dos preços, como: temperaturas mais elevadas no mês analisado, que provocaram a aceleração do amadurecimento das frutas e da colheita, principalmente após passado o primeiro decêndio do mês; demanda estagnada no início do mês, quando a maior parte dos consumidores recebem seus salários, benefícios e demais rendimentos; preços elevados nos meses anteriores, que provocaram a recusa dos consumidores a pagarem altas cotações pelas frutas.

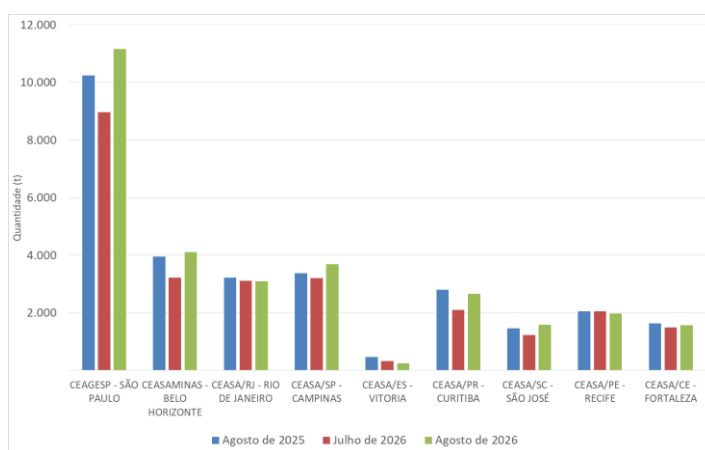
Já o mercado do mamão papaya também apresentou quedas mais expressivas de preços nos entrepostos atacadistas, com maior intensidade em relação ao formosa e com maiores descensos durante o mês. A oferta apresentou grandes aumentos na parcial mensal, fator crucial para provocar grandes quedas das cotações e impactar indiretamente nos preços do mamão formosa nas centrais de abastecimento e no varejo, pois uma variedade acaba funcionando como concorrente da outra, principalmente quando a diferença de preços é grande.

Gráfico 19 — Preços médios (R\$/Kg) do mamão nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 20 — Quantidade de mamão comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre agosto de 2025, julho de 2026 e agosto de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 9 — Quantidade ofertada de mamão por unidade de federação, agosto de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
BA	12.944.716	PORTO SEGURO-BA	9.994.377
ES	9.725.839	LINHARES-ES	5.645.720
MG	2.357.927	MONTANHA-ES	2.864.185
RN	1.711.855	MOSSORÓ-RN	1.349.021
CE	1.581.544	SÃO MATEUS-ES	1.069.508
SP	1.029.494	BARREIRAS-BA	1.033.510
PE	348.917	PIRAPORA-MG	994.210
PB	200.862	BOM JESUS DA LAPA-BA	933.946
GO	117.820	NOVA VENÉCIA-ES	781.869
SC	47.200	PARACATU-MG	632.439
SE	34.411	BAIXO JAGUARIBE-CE	575.320
PR	2.420	LITORAL DE ARACATI-CE	450.700
AC	1.740	ILHÉUS-ITABUNA-BA	402.152
Soma	30.104.745	JANUÁRIA-MG	380.529
		VALE DO AÇU-RN	334.443
		SANTA MARIA DA VITÓRIA-BA	325.450
		JANAÚBA-MG	271.439
		JALES-SP	258.405
		JABOTICABAL-SP	252.853
		PETROLINA-PE	239.093

Fonte: Conab/Ceasas

Quanto às principais regiões produtoras, ocorreu aumento dos envios feitos pelo sul baiano (33,8%), norte capixaba (8,54%), norte mineiro (14,9%) e os mamões potiguares (2,58%). Em setembro, para ambas as variedades de mamão produzidas na Bahia e no Espírito Santo, se as chuvas se intensificarem, tratamentos culturais para mitigar o impacto de doenças fúngicas terão que ser feitos, o que aumentará os custos e implicará em redução da rentabilidade dos produtores.

Em relação à primeira quinzena do mês de setembro, em meio a uma demanda estável, os preços oscilaram bastante no mercado de mamão formosa para a maior parte das Ceasas, tanto no sentido de alta quanto de queda; já em relação ao mamão papaya, os preços tenderam a ficarem ou estáveis, ou em queda.



MELANCIA

BOLETIM
Hortigranjeiro

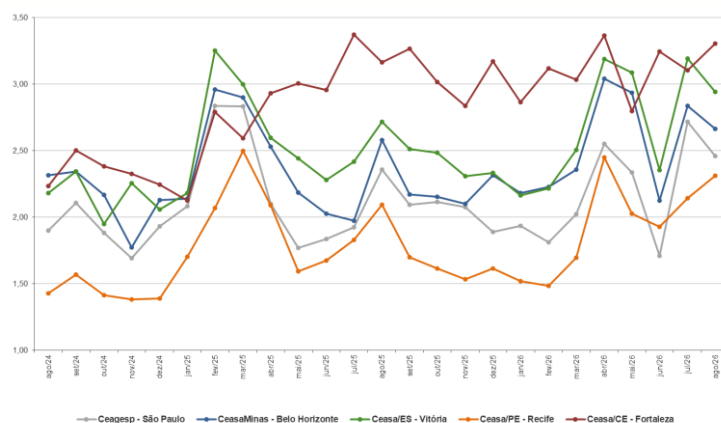
O movimento na maior parte das Ceasas foi de queda de preços, à exemplo do descenso na Ceagesp – São Paulo (-9%), CeasaMinas– Belo Horizonte (-6%) e Ceasa/ES – Vitória (-8%), além de alta na Ceasa/SC – São José (40,5%). Já a oferta subiu em todos os entrepostos, com destaque para a Ceasa/RJ – São Paulo (42%), Ceasa/ES – Vitória (51%) e Ceasa/PR – Curitiba (74%).

O principal centro fornecedor de frutas para as Ceasas foi a microrregião de Ceres (GO), tendo Uruana como o principal município produtor. O fornecimento às Ceasas durante o mês subiu em 84,3%, fruto do planejamento dos produtores, do aumento da produção (aumento do calor em Goiás) e do consumo (causado pelo tempo mais quente nos principais centros consumidores). Já a região tocantinense aumentou em 43% seus envios aos entrepostos atacadistas. Para as outras regiões, ocorreram quedas nas praças pernambucana (-10%) e na Bahia (-32%), além de elevação em São Paulo (121%). Tocantins e Goiás serão as principais regiões produtoras até outubro.

Nessas praças, inclusive, o aumento da produtividade (principalmente nas praças tocantinenses) é que estão garantindo boa rentabilidade, mesmo com o aumento dos custos de produção, seja por causa do aumento do custo de combate às viroses ou mesmo com o aumento dos custos logísticos (combustível mais caro), aumento dos fertilizantes e do custo da terra (concorrência com outras culturas, notadamente a soja). Com o controle do problema das viroses, a qualidade das melancias tem aumentado progressivamente.

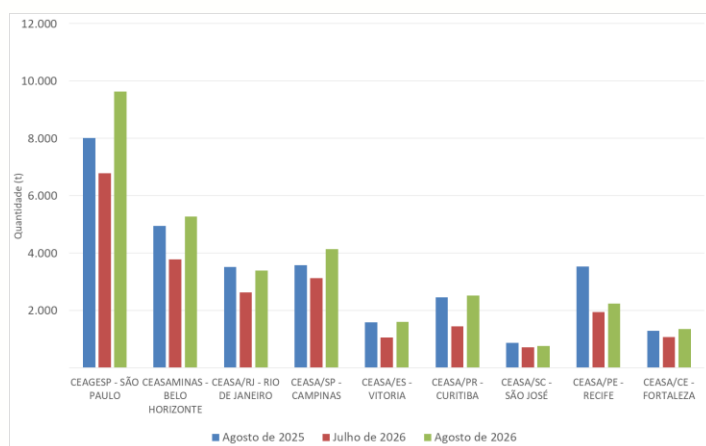
Justamente o aumento da colheita na região de Uruana/GO é que explicou esse aumento de oferta e a queda de preços, principalmente para as Ceasas que comercializam grandes quantidades da melancia goiana. Mesmo com o aumento da demanda por causa do calor no primeiro decêndio do mês, dado o aumento da oferta, ocorreram quedas de preços, mesmo que não muito significativas. Em setembro a boa produção deve continuar em Goiás e Tocantins, o que deverá evitar qualquer pressão altista sobre os preços.

Gráfico 21 — Preços médios (R\$/Kg) da melancia nos entrepostos selecionados.



Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 22 — Quantidade de melancia comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre agosto de 2025, julho de 2026 e agosto de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 10 — Quantidade ofertada de melancia por unidade de federação, em agosto de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
GO	19.923.492	CERES-GO	15.274.524
TO	2.745.150	RIO VERMELHO-GO	5.789.148
PE	2.309.759	GURUPI-TO	2.218.950
SP	1.819.048	ITAPARICA-PE	1.925.020
BA	1.623.178	MOSSORÓ-RN	757.850
CE	988.700	ARARAQUARA-SP	702.418
RN	819.764	BAIXO JAGUARIBE-CE	565.500
MG	469.760	JUAZEIRO-BA	505.108
AC	133.950	PORTO SEGURO-BA	469.880
PI	127.705	CURVELO-MG	363.170
PA	30.000	RIO FORMOSO-TO	326.840
RJ	28.000	PETROLINA-PE	326.239
ES	25.100	ALAGOINHAS-BA	301.300
RS	15.000	SÃO PAULO-SP	290.305
AM	5.000	ARAGUAÍNA-TO	272.720
DF	2.093	PRESIDENTE PRUDENTE-SP	263.490
RO	1.680	LITORAL DE CAMOCIM E	
PR	770	ACARAÚ-CE	254.000
NI	590	OSASCO-SP	205.751
SC	225	BRUMADO-BA	193.720
Soma	31.068.964	JABOTICABAL-SP	164.210

Fonte: Conab/Ceasas

As regiões produtoras gaúchas, baianas estão em período de entressafra. Já nas praças paulistas e tocantinenses, o plantio deve começou em fins de junho para um pico de colheita entre setembro e outubro, com a praça goiana de Uruana continuando como a principal fornecedora às Ceasas.

Em relação à primeira quinzena do mês de setembro, os preços caíram na maioria das Ceasas, em meio à elevação da oferta em Goiás, mesmo com o aumento da demanda por causa da continuidade do calor na maior parte do Brasil.



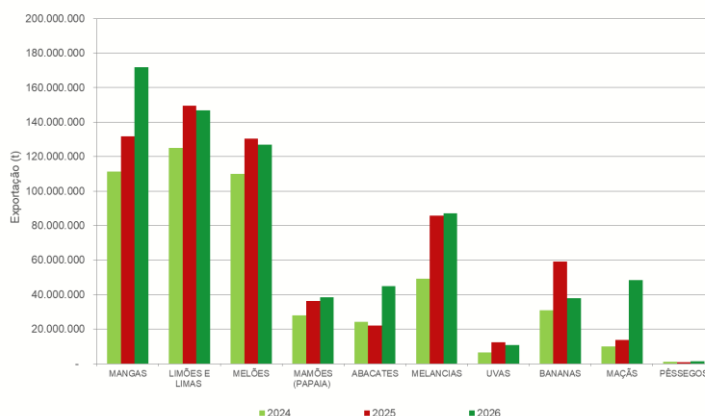
EXPORTAÇÃO DE FRUTAS E HORTALIÇAS

Nos primeiros oito meses de 2026, o volume total enviado ao exterior foi de 789 mil de toneladas, alta de 10,6% em relação ao mesmo período de 2025 e de 41% em relação a 2024. O faturamento foi de U\$S 1,01 bilhões (FOB), superior 20% em relação ao mesmo período de 2025 e 38,6% em relação ao mesmo período de 2024. As vendas externas subiram no acumulado até agosto principalmente nos mercados de manga (30,5%, notadamente do Vale do São Francisco-BA/PE), abacates (102,5%), mamões, melancias, pêssegos (83,3%) e para as maçãs (254% - com o aumento da produção da fruta), além de cair destacadamente para o mercado de bananas (36,2%) e uvas (-14,3%) (Brasil, 2026a).

Banana: houve queda de 36,2% das exportações nos primeiros oito meses do ano em relação ao mesmo período de 2025. Em relação ao mês anterior, a queda foi de 14,85% e no que diz respeito a agosto de 2025, a queda foi de 55,52%. Já em relação ao faturamento ocorreu queda de 26,35%. Os descensos ocorreram por causa da menor produção e qualidade de bananas nanicas para exportação, originárias principalmente do norte catarinense, da concorrência com outros países produtores (principalmente Paraguai e Equador), que aumentaram também seus envios, e de problemas logísticos para levar as frutas para o Mercosul, para a Argentina e Chile, principalmente (Brasil, 2026b).

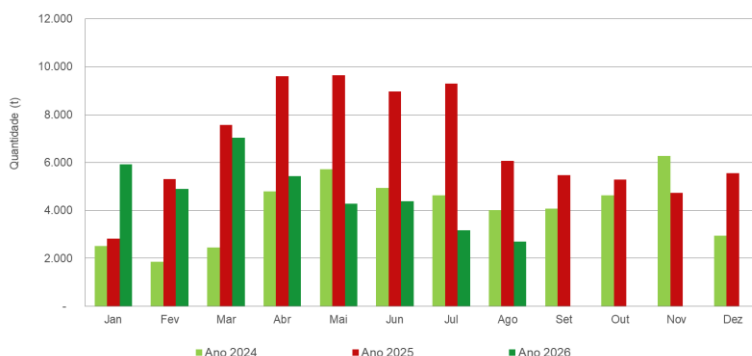
Laranja: nos primeiros oito meses do ano, as exportações de laranja in natura aumentaram 516% em relação ao mesmo período do ano anterior. Já o suco de laranja, por causa dos problemas com a absorção europeia, continuou a exibir recuperação modesta do consumo em relação às safras anteriores, mesmo com a queda expressiva dos preços no mercado internacional. O volume comercializado caiu 22,5% em relação a agosto de 2025, foi 15,71% menor em relação ao mês anterior e cresceu 7,3% no acumulado anual até agosto. Os preços e o faturamento não devem demonstrar recuperação no curto prazo, já que parte de mercados perdidos deverão ser reconquistados no médio e longo prazo e os custos para a fabricação do suco sofreram elevação (Brasil, 2026b).

Gráfico 23 — Principais frutas exportadas pelo Brasil no acumulado entre janeiro e agosto de 2024, 2025 e 2026



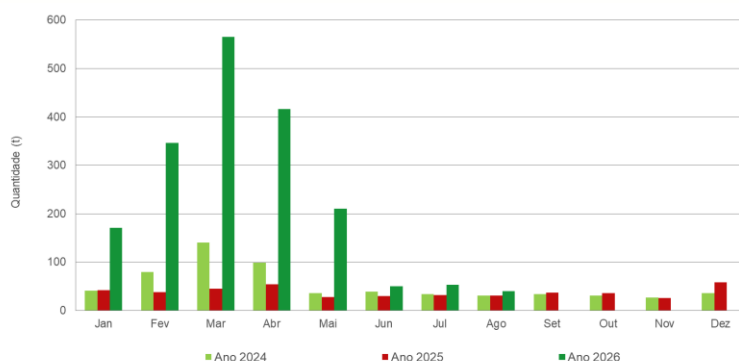
Fonte: Brasil (2026a)

Gráfico 24 — Quantidade de banana exportada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



Fonte: Brasil (2026b)

Gráfico 25 — Quantidade de laranja exportada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



Fonte: BRASIL (2026b)

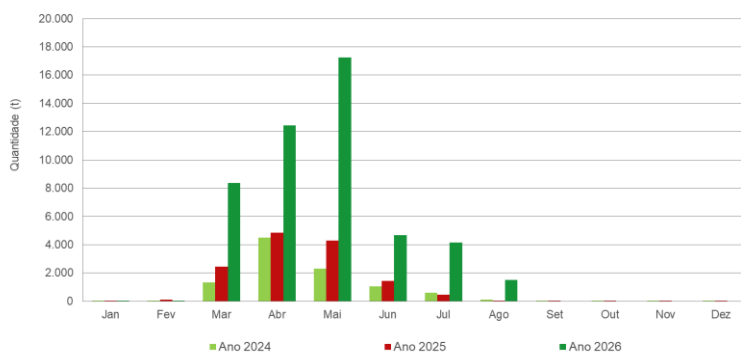
Já as importações de laranjas in natura comercializadas pelas Ceasas subiram 97,6%, originárias principalmente da Espanha e Egito.

Maçã: As vendas externas registradas nos primeiros oito meses do ano subiram 254% em relação ao mesmo período do ano anterior. Foram maiores em relação a agosto/2025 e 36% inferiores na comparação com o mês anterior, confirmando a maior produtividade da atual temporada, a boa produção e as boas vendas no ano. Já o faturamento foi 244,4% superior em relação ao mesmo período de 2025. Findada a temporada de exportações, iniciada em março, com pico em maio e fim em julho, pode-se registrar que a safra mais elevada nesse ano foi responsável pelo aumento expressivo das vendas externas, principalmente para países asiáticos (Índia, Bangladesh, Arábia Saudita) e Rússia, além de países europeus em menor volume (Brasil, 2026b). Já as importações das frutas comercializadas pelas Ceasas subiram 52,2%.

Mamão: As vendas externas nos primeiros oito meses do ano, em relação ao mesmo período do ano anterior, subiram 5,56%, foram 8,2% maiores em face de agosto de 2025 e maiores 6,61% em relação ao mês anterior. O aumento do faturamento foi de 9,75% de janeiro a agosto de 2026, devido à maior produção nos últimos dois meses, tanto nas regiões capixabas e baianas quanto nas regiões potiguaras. A tendência é que as exportações continuem aquecidas, especialmente para a União Europeia, principal centro comprador da fruta (Brasil, 2026b).

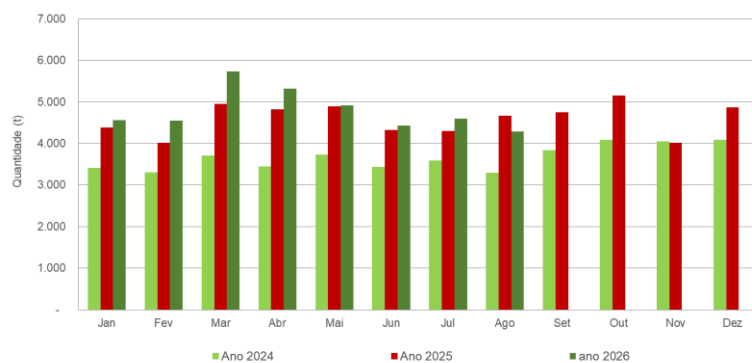
Melancia: As vendas externas nos primeiros oito meses do ano foram 1,7% maiores em relação ao mesmo período de 2025 e o faturamento, 24,2%. A comercialização foi 20,7% menor em relação à agosto/2025 e 311% maior em relação ao mês passado (Brasil, 2026b). Uma vez que a entressafra exportadora findou, os números já aumentaram em relação ao mês passado e devem crescer ainda mais nos próximos meses, dadas as boas condições de produção de minimelancias potiguaras e cearenses enviadas à Europa.

Gráfico 26 — Quantidade de maçã exportada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



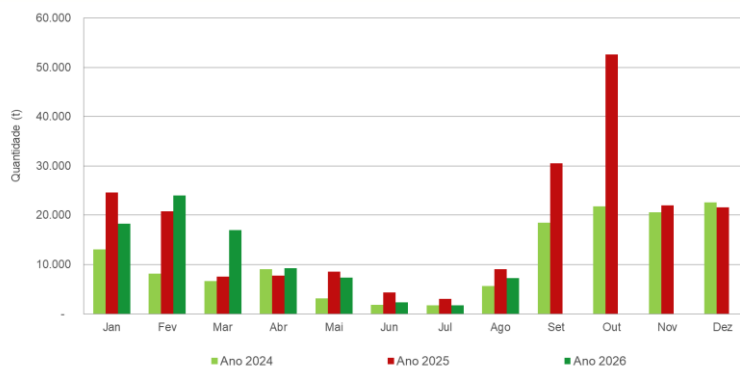
Fonte: Brasil (2026b)

Gráfico 27 — Quantidade de mamão exportado pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



Fonte: Brasil (2026b)

Gráfico 28 — Quantidade de melancia exportada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



Fonte: Brasil (2026b)

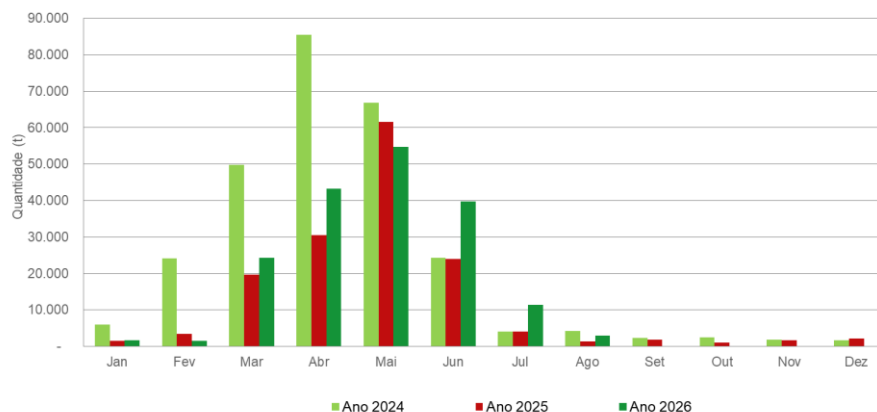
IMPORTAÇÃO DE HORTALIÇAS

IMPORTAÇÃO DE CEBOLA

Em vista dos atuais níveis de preço da cebola no mercado interno, as importações alcançaram patamares bastante baixos. Elas, mesmo de países mais próximos, tornam-se inviáveis, e não tem espaço para fazer frente a oferta nacional. Assim, as quantidades importadas em agosto chegaram a 2.961 toneladas, inferior 73,9% ao registrado em julho. O pico das importações esse ano ocorreu em maio quando foram importadas 54.764 toneladas (Brasil, 2026b).

No acumulado do ano até agosto as importações estão 22,8% acima do mesmo período de 2025. Novamente, deve-se lembrar que em 2025 os preços estavam baixos, diante de uma oferta mais que suficiente para atender a demanda, não deixando lacuna para a cebola importada. Em 2024, o cenário foi diferente, ou seja, preços altos com importações entrando no país para cobrir a produção nacional, que a época se ressentia de problemas climáticos em fins de 2023 e grande parte do primeiro semestre de 2024. O acumulado de 2024, até agosto, foi superior a de 2025 (81,1%) e de 2026 (47,9%) (Brasil, 2026b).

Gráfico 28 — Quantidade de cebola importada pelo Brasil nos anos de 2024, 2025 e 2026



Fonte: Brasil (2026b)



DESTAQUES DAS CENTRAIS DE ABASTECIMENTO

BOLETIM
Hortigranjeiro

Resíduos sólidos orgânicos, oportunidades de transformação de cenários

“Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

(Antonie-Laurent Lavoisier)

As Centrais de Abastecimento comercializam produtos hortícolas altamente perecíveis, que perdem rapidamente seu valor comercial e estão, portanto, mais sujeitos a perdas e desperdícios ao longo da cadeia de comercialização. Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), cerca de 30% dos alimentos produzidos no mundo são perdidos ou desperdiçados, situação que também representa um desafio para o Brasil.

A insuficiência de infraestrutura física e tecnológica nos empreendimentos que movimentam grandes volumes de produtos, associada à adoção de práticas inadequadas de gestão e destinação dos resíduos, contribui para o aumento dos impactos ambientais. Além disso, as perdas de alimentos representam um desafio para a produção agrícola e para a segurança alimentar e nutricional, reforçando a necessidade de estratégias voltadas à prevenção do desperdício, ao aproveitamento dos produtos e à gestão adequada dos resíduos gerados nas centrais.

Economia Circular

A Estratégia Nacional de Economia Circular (ENEC), instituída pelo Decreto nº 12.082/2024, e o Plano Nacional de Economia Circular (PLANEC), estabelecido em 2025, têm como fundamentos a não geração de resíduos, a manutenção de produtos e materiais em circulação pelo maior tempo possível e a regeneração dos recursos naturais. Esses princípios buscam superar o modelo linear de produção e consumo, baseado na extração, produção, utilização e descarte, promovendo, em seu lugar, o reaproveitamento, a reutilização, a recuperação e a transformação de materiais em novos produtos e recursos de valor.

Nesse sentido, a economia circular propõe o uso mais eficiente dos recursos, especialmente os naturais, priorizando a redução do desperdício e a manutenção dos produtos, materiais e recursos em circulação pelo maior tempo possível, antes de sua destinação final. Fundamentalmente, o que se quer é uma mudança no modelo de produção e consumo, evidenciando princípios e buscando medidas para: evitar ou reduzir o uso; a possibilidade do reuso ao descarte puro e simples e, por fim, a reciclagem.

Ceasas como vetor transformador

Segundo análise realizada pela Conab/Prohort, com base em estudos desenvolvidos nas Ceasas participantes do Programa, estima-se que a geração de resíduos sólidos corresponda a aproximadamente 1,5% a 2,0% do volume total de produtos comercializados. Considerando o volume agregado de comercialização das Ceasas integrantes do Prohort, esse percentual representa uma geração estimada entre 256,5 mil e 342 mil toneladas de resíduos sólidos.

Esse volume caracteriza os entrepostos atacadistas de hortigranjeiros como importantes geradores de resíduos, o que lhes atribui responsabilidades previstas na Lei nº 12.305/2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Nesse contexto, cabe aos entrepostos adotar medidas de gerenciamento adequado dos resíduos gerados em suas atividades, incluindo a elaboração e a implementação de planos de gerenciamento de resíduos sólidos, quando aplicável.

A PNRS estabelece a priorização da não geração, redução, reutilização, reciclagem e tratamento dos resíduos sólidos, de modo que a disposição em aterros sanitários deve ser destinada aos rejeitos, ou seja, àqueles resíduos para os quais tenham sido esgotadas as possibilidades técnica e economicamente viáveis de recuperação e tratamento. Dessa forma, torna-se fundamental que os entrepostos adotem medidas de gerenciamento que promovam o aproveitamento dos resíduos e reduzam a quantidade destinada à disposição final, tais como:

- **Condicionamento** – Os resíduos orgânicos resultam, em geral, da decomposição da matéria orgânica. O acondicionamento adequado, como o uso de câmaras frigoríficas nas Ceasas, pode retardar a deterioração dos alimentos e favorecer sua destinação e tratamento adequados.
- **Redução** – Com uma melhor estrutura e plano de gerenciamento, a eficiência da gestão dos alimentos reduz a quantidade de resíduos.
- **Reutilização** – É fundamental definir a destinação dos alimentos que perderam, total ou parcialmente, seu valor comercial. Quando preservados seus valores nutricionais e garantida sua inocuidade, esses alimentos podem ser reaproveitados, antes da deterioração, na produção de polpas, sucos, sopas e outros produtos em centrais de processamento, destinados a pessoas em situação de insegurança alimentar ou à produção de ração animal;
- **Reciclagem e tratamento** – O tratamento adequado dos resíduos orgânicos possibilita sua valorização por meio de processos como a compostagem, que resulta na produção de fertilizantes para uso agrícola, e a biodigestão anaeróbia, que promove a decomposição da matéria orgânica e possibilita a geração de biogás e energia.
- **Destinação final** – O tratamento e o reaproveitamento dos resíduos orgânicos dependem de uma destinação ambientalmente adequada. Entretanto, muitas Ceasas ainda destinam parte significativa de seus resíduos a aterros sanitários e, em alguns casos, a lixões. Nesse contexto, os Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos (PGRS) orientam a adoção de alternativas e tecnologias capazes de reduzir esses descartes e promover soluções ambiental e economicamente mais vantajosas.
- **Gestão operacional em Ceasas:** De acordo com a Lei nº 2.305/2010, entende-se por gerenciamento de resíduos sólidos o conjunto de ações exercidas, direta ou indiretamente, nas etapas de varrição, coleta e segregação seletiva, transporte, transbordo, tratamento, destinação dos resíduos e disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos.

Figura 1 — Separação de resíduos na Ceasa/MS – Campo Grande



Fonte: Acervo próprio (2024)

Como ferramentas de apoio, as práticas a seguir elencadas, podem contribuir para a gestão:

1. Redução e Resgate na Fonte

Banco de Alimentos: prioriza o resgate de frutas, legumes e verduras que perderam o valor estético, mas mantêm o valor nutricional, destinando-os a programas de combate à fome antes que virem rejeito.

2. Modelos de Coleta Eficiente

Coleta Seletiva Interna (Porta a Porta ou Pontos de Entrega): disponibilização de contentores específicos (padronizados na cor marrom para orgânicos/compostáveis) diretamente nos boxes, centrais de recepção e ecopontos da Ceasa.

Engajamento dos Permissionários: criar incentivos econômicos (como abatimento em taxas ou tarifas) para os comerciantes que realizam a separação correta na origem.

3. Principais Métodos de Tratamento

- **Compostagem** (em leiras ou por processos acelerados): processo biológico de decomposição controlada da matéria orgânica, que possibilita a transformação de resíduos vegetais em composto orgânico, utilizado como condicionador e fertilizante do solo. O produto resultante pode ser destinado à agricultura, à recuperação de áreas ou a outras aplicações compatíveis.
 - **Compostagem em leiras**: método convencional no qual os resíduos orgânicos são dispostos em leiras e submetidos à ação de microrganismos, com controle de fatores como umidade, temperatura e aeração. O tempo necessário para a obtenção do composto varia conforme as condições do processo, podendo se estender por algumas semanas ou meses.
 - **Compostagem acelerada**: utiliza equipamentos e técnicas de controle de temperatura, umidade, aeração e revolvimento para intensificar a atividade microbiológica e reduzir o tempo de processamento. Dependendo da tecnologia empregada e das características dos resíduos, o processo pode ser significativamente mais rápido que a compostagem convencional.

Observação: no caso das Centrais de Abastecimento, a adoção da compostagem acelerada pode ser mais adequada quando houver disponibilidade de recursos financeiros, especialmente por demandar menor área física e possibilitar maior controle do processo e dos odores. A compostagem em leiras, por sua vez, requer áreas amplas para a disposição dos resíduos, cobertura ou estruturas apropriadas, além de espaço para a movimentação de máquinas e equipamentos. Entretanto, quando houver área disponível e condições operacionais adequadas, o sistema de compostagem em leiras tende a apresentar menor custo de implantação e operação.

4. Formas de utilização:

- **Vermicompostagem**: processo biológico que utiliza minhocas e microrganismos para transformar matéria orgânica em vermicomposto, também conhecido como húmus de minhoca. O processo contribui para a estabilização da matéria orgânica e resulta em um produto rico em nutrientes, com potencial de utilização como condicionador e fertilizante do solo.
- **Biodigestão anaeróbia**: indicada especialmente para resíduos orgânicos com maior teor de umidade e biodegradabilidade. O processo ocorre na ausência de oxigênio e resulta na produção de biogás, que pode ser utilizado para geração de energia, e de digestato, que, quando adequadamente tratado e atendidos os requisitos legais, pode ser utilizado como fertilizante ou condicionador do solo. A implantação requer maior investimento em infraestrutura e controle operacional.

NÚMEROS DAS CEASAS (JULHO/2025)

Número de Ceasas analisadas: 32 Ceasas;

Ceasas que fazem separação de resíduos: 14 Ceasas;

Envio a aterros sanitários: 19 Ceasas;

Envio para Centros de Tratamento e valorização dos resíduos; 08 Ceasas

Envio para outros destinos, inclusive Lixão: 05 Ceasas

Reaproveitamento para Bancos de Alimentos: 22 Ceasas.

Grandes projetos para contratação de empresas/instituições para tratamento, reaproveitamento e valoração dos resíduos na própria Ceasa: 03 Ceasas.

CONCLUSÃO

A gestão de resíduos sólidos, a agricultura regenerativa e o aproveitamento e a valorização de materiais passíveis de descarte constituem dimensões complementares da economia circular. Nesse contexto, resíduos gerados ao longo das cadeias de produção, comercialização e distribuição de alimentos podem ser reinseridos nos processos produtivos, mediante sua transformação em insumos, condicionadores e componentes para recuperação da fertilidade e da qualidade do solo, fontes de energia ou matérias-primas para a obtenção de novos produtos de interesse econômico e comercial.

Essa abordagem contribui para o fechamento dos ciclos de materiais e nutrientes, promovendo o aproveitamento mais eficiente dos recursos e a redução da geração de rejeitos. No setor agroalimentar, a adoção de práticas de economia circular pode favorecer a redução de perdas e desperdícios, a diminuição da dependência de insumos de origem sintética, a recuperação de recursos e a agregação de valor aos materiais anteriormente considerados resíduos, fortalecendo a sustentabilidade e a eficiência dos sistemas de produção, comercialização e abastecimento.

Referências

BRASIL. MAPA - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA. **Agrostat - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro**. Disponível em: <https://mapa-indicadores.agricultura.gov.br/publico/extensions/Agrostat/Agrostat.html>. Acesso em: 15 set. 2026a.

BRASIL. MDIC - MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS. **Comex Stat**. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em: 15 set. 2026b.

ISBN 977-244658604-2



APOIO



REALIZAÇÃO



Conab

MINISTÉRIO DO
**DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
E AGRICULTURA FAMILIAR**

